

**GRANDES MULTIDÕES ACLAMAM PRESTES EM CAMPOS E MACAÉ** — Luiz Carlos Prestes esteve, domingo último, em visita às cidades de Campos e Macaé, no Estado do Rio. Prestes se fez acompanhar de sua filha Anita Leocádia, sua irmã Ligia e do ex-deputado Lincoln Oest. No aeroporto de Campos, calorosa recepção aguardava o grande líder popular. Quarenta carros, além de caminhões e caminhonetes, acompanharam Prestes do aeroporto até o centro da cidade. Em Guarás, Prestes foi homenageado na sede da Associação Pró-Melhoramentos de Guarás. Ao responder às saudações de personalidades que falaram na ocasião, Prestes elogiou o espírito de iniciativa e organizativo do povo guaruense e sua luta em defesa dos seus interesses imediatos e na defesa dos ideais nacionalistas. Em Campos, Prestes e os seus acompanhantes foram recepcionados na sede do Clube Bandeirantes da Lapa. Vários oradores se fizeram ouvir, entre eles o sr. Barcelos Martins, prefeito daquela progressista cidade fluminense. Ainda aí, as palavras de Prestes foram de incentivo à luta nacionalista em defesa de nossas riquezas, da nossa soberania e pela elevação do nível de vida do povo. Assinalou a importância das eleições de outubro e a necessidade de se fazer uma campanha de alfabetização a fim de trazer para a luta política novas camadas do povo. Luiz Carlos Prestes foi ainda homenageado na Câmara Municipal e no Sindicato dos Ferrovários, onde manteve-se por algum tempo, em palestra com os trabalhadores. Em Macaé, Prestes foi saudado pelo prefeito da cidade e outros líderes e dirigentes de partidos. Da sacada da prefeitura, Prestes falou a milhares de pessoas, agradecendo a calorosa manifestação de que era alvo. Visitou o Sindicato dos Ferrovários e participou de um lanche oferecido pelo prefeito, no Restaurante Belas Artes. Em suas palavras de agradecimento Prestes convidou o povo a lutar em defesa de uma política externa independente, pelo desenvolvimento e defesa da indústria nacional, pela elevação do nível de vida dos brasileiros, pela reforma agrária e pela democracia. Na foto vê-se, da esquerda para a direita, Prestes no Clube Bandeirantes da Lapa; Prestes e o prefeito de Macaé; e aspecto da massa popular que acorreu para ouvir a palavra de Prestes

## O Indesejável

OS RUMORESOS incidentes que marcaram a desastrosa peregrinação do sr. Richard Nixon por alguns países da América Latina, podem ser considerados como verdadeiro registro termométrico da temperatura política hoje reinante em nosso continente. Do Uruguai à Venezuela, as manifestações populares foram crescendo de vigor, atingindo em Caracas o seu ponto culminante, de tal maneira que se pode dizer que o heróico povo venezuelano, saído de recentes combates com a ditadura prolanque de Perez Jimenez, representou, nos protestos contra a presença de Nixon, a todos os povos latino-americanos.

NO REPÓDIO a Nixon, os estudantes e as massas populares expressaram o seu repúdio à política imperialista dos Estados Unidos. Já não faz efeito a propaganda do «bom vizinho», do «amigo do norte», do «líder da democracia e da civilização ocidental». Os povos latino-americanos adquirem consciência de que a sua pobreza e o seu atraso são a contra-partida do enriquecimento dos monopólios dos Estados Unidos. Cada nação da América Latina vai aprendendo, à custa de dolorosa experiência, que os seus projetos de desenvolvimento independente e progressista não podem contar com qualquer ajuda dos governos de Washington. E que, ao contrário, o êxito desses projetos está diretamente vinculado à eliminação da opressiva dependência diante dos bancos e dos consórcios de Wall Street.

DURANTE dezenas de anos, sofreram os povos latino-americanos o jugo de ditaduras, que se sucediam para defender privilégios de companhias ianques. Viram as embaixadas norte-americanas exercendo a mais deslavada interferência nos seus negócios internos, associadas sempre aos círculos mais reacionários e obscurantistas. E compreenderam que o seu progresso e a sua dignidade de nações soberanas eram incompatíveis com a permanência de um sistema anacrônico de exploração e entreguismo.

AGORA, sopram na América Latina os ventos da democracia e da libertação nacional. Cada um dos seus povos vai afirmando, dentro de suas condições particulares, com maior ou menor rapidez, porém inflexivelmente, a sua vontade de sair de um estado secular de subdesenvolvimento e de viver em regimes de ampla legalidade democrática.

FOI ESTA consciência — de que também participa o povo brasileiro — que se manifestou nos protestos contra a presença de Nixon. O vice-presidente dos Estados Unidos foi declarado PERSONA NON GRATA, visitante indesejável. Dispensando os canais da diplomacia, esta foi a mensagem enviada a Washington desde Montevideo até Lima e Caracas.

A RESPOSTA de Washington foi típica: envio de tropas ao mar das Caraíbas e ameaça de intervenção na Venezuela.

JÁ SE passaram, porém, os tempos em que ao sr. Foster Dulles era possível armar um bando de aventureiros para assaltar a Guatemala e derrubar o governo democrático de Arbenz. Ao invés de intimidar, o brandir das armas e as ameaças de intervenção despertam ainda mais a consciência nacionalista da América Latina.

MR. NIXON não quiz «visitar» o Brasil. É certo, porém, que aqui seria o mesmo indesejável que foi para os nossos vizinhos do continente.



## O CARÁTER DA ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA NO BRASIL

Artigo de Maurício VINHAS (Leia na 5a. página)

# VOZ OPERÁRIA

☆ N° 467 — RIO DE JANEIRO, 17 DE MAIO DE 1958 ☆

## NOS CEUS 3<sup>o</sup> "SPUTNIK" SOVIETICO COM MAIS DE UMA TONELADA

O mundo recebeu ontem a notícia de que a União Soviética havia lançado com êxito o seu terceiro satélite artificial. O novo "sputnik" supera os anteriores. Possui 3 metros e 57 centímetros de altura e sua revolução completa em torno da terra tem a duração de 106 minutos. O apogeu de sua órbita é de 1.880 quilômetros. O seu peso é de 1.327 quilos, sendo, pois, cerca de 95 vezes mais pesado do que o satélite de maior peso lançado pelos Estados Unidos. Com o lançamento do seu terceiro "sputnik", a União Soviética confirma a superioridade mundial, que alcançou em tão importantes domínios da ciência e da técnica.

## O Revisionismo Moderno Deve Ser Criticado

Editorial do «Diário do Povo», órgão do P.C. Chinês (Leia na 4a. Página)



☆  
NASSER ACLAMADO PELO POVO SOVIETICO — Visitando a URSS, o presidente da República Árabe Unida, Gamal Abdel Nasser, tem sido alvo de constantes homenagens do povo soviético. No clichê, vemos o líder da luta pela libertação nacional dos povos árabes, quando visitava o sanatório de Sochi, na Criméia (Foto Tass).

# WASHINGTON AMEAÇA INTERVIR NA VENEZUELA

REPUDIA TÔDA A AMÉRICA LATINA O IMPERIALISTA NIXON

Tivemos ocasião de comentar, no número passado, as manifestações contra o imperialismo norte-americano verificadas no Uruguai e na Argentina, por ocasião da visita de Mr. Nixon a esses países. O prosseguimento da viagem do vice-presidente dos Estados Unidos ofereceu novas oportunidades à expressão dos sentimentos patrióticos e anti-imperialistas dos povos da América Latina.

Em Lima, no Peru, a repulsa dos estudantes foi tão violenta que Nixon não pôde entrar na Universidade de San Marco, sendo cuspid e vaiado. As agências telegráficas norte-americanas fizeram então grande alarde sobre o «contraste» entre os estudantes comunistas da Universidade de San Marco e os da Universidade Católica, que teriam recebido Nixon amavelmente. Dois dias após, no entanto, todos os jornais publicaram o protesto do centro acadêmico da Universidade Católica contra a manobra pela qual o vice-presidente dos Estados Unidos tentou intriguá-los com seus colegas de San Marco: Nixon, «fugindo às normas elementares de cortesia», havia visitado a Universidade Católica de surpresa, no momento em que todos os estudantes estavam reunidos numa assembleia.

Antes de ir a Lima, Nixon havia tido também contratempos na Bolívia e no Paraguai. Em Assunção, estudantes desfilaram clamando «Liberdade», e o presidente general Stroessner explicou-lhe que se tratava de um «slogan comunista».

Em Quito, Nixon teve que cancelar a visita programada à Universidade, e uma sabatina com operários, a fim de não ser obrigado a ouvir as mesmas acusações dos estudantes uruguaios e argentinos. Em Bogotá verificou-se grande manifestação de protesto em frente ao hotel no qual se hospedara, lendo num dos cartazes: «Nixon, doze

milhões de colombianos vos agradecem pelas armas que vendestes para matar o povo colombiano». Um grande retrato do vice-presidente dos Estados Unidos foi queimado simbolicamente, na praça.

Os estudantes da Universidade Central de Caracas anteciparam-se à chegada de Nixon. Realizaram a 11 do corrente um desfile monstro pelas ruas da capital da Venezuela, com figurações de crítica, ao estilo dos tradicionais «trotos». Via-se por exemplo um burro, sobre o qual estava colocada uma effigie de Nixon em papelão, e um cartaz com os dizeres «Viva o burro! Abaixo Nixon!» Durante o desfile foram distribuídos folhetos que acusavam o governo dos Estados Unidos de apoiar as ditaduras latino-americanas. Depois de lembrar a intervenção na Guatemala, o folheto salientava que os Estados Unidos continuam sustentando as ditaduras ainda remanescentes: a de Stroessner no Paraguai, de Batista em Cuba, de Somoza em São Domingos e de Trujillo em Nicarágua.

Em todos os países percorridos por Nixon após a estada no Paraguai uma das acusações mais constantes que lhe foram feitas referiam-se à sua declaração pública, feita na Bolívia, na qual citava o governo do general Stroessner como exemplo de um governo a ser imitado pelos demais. «pela capacidade revelada no combate à subversão comunista».

Os meios oficiais norte-americanos estão alarmados com o fracasso da viagem de Nixon à América Latina, e não escondem isso. Fala-se até mesmo de cancelar a viagem do vice-presidente à Europa, a fim de evitar novos dissabores. Algumas personalidades políticas e jornalistas norte-americanos, que adotam atitude mais democrática, chamam a atenção da opinião pública do país para as consequências negativas da política tradicionalmente ado-

tada pelo governo dos Estados Unidos para com a América Latina, e pedem uma modificação, «antes que seja tarde». Os imperialistas norte-americanos sentem que o antigo «quintal» começa a escapar-lhes.

Agora, as notícias de última hora informam que Nixon, ao chegar a Caracas, foi alvo de manifestações tão violentas que teve de refugiar-

se na Embaixada dos Estados Unidos. O governo de Washington, em consequência, tomou a deliberação gravíssima de concentrar tropas nas bases das Caraíbas, ameaçando intervir militarmente na Venezuela.

Não resta dúvida que o bravo povo venezuelano responderá à altura a esta insólita ameaça, contando, para isto, com o apoio de toda a América Latina.

## GRAVÍSSIMA A SITUAÇÃO NA FRANÇA

NECESSÁRIA A UNIÃO DAS ESQUERDAS CONTRA A AMEAÇA FASCISTA

Telegramas de última hora revelam ser gravíssima neste momento a situação política francesa. Existe a ameaça de guerra civil e de golpe fascista, ainda já iniciado na Argélia.

Na madrugada de 14 do corrente, o Parlamento francês concedeu investidura ao gabinete organizado por Pierre Pflimlin, chefe político em geral considerado como «do centro». Pflimlin, embora falando em pretender manter-se numa «posição de força» em relação aos argelinos, anunciou sua intenção de negociar a sessão do fogo, entendendo-se diretamente com a Frente de Libertação Nacional da Argélia. O Partido Comunista francês absteve-se de votar, não dando nem recusando o seu apoio à investidura de Pflimlin.

Ao ter notícia do fato, o general fascista Massu, comandante das tropas de paraquedistas franceses na Argélia, apoderouse da cidade de Argel, e aí constituiu um «Comitê de Salvação Pública», que assumiu o governo, em franca oposição ao governo de Paris. A Junta presidida por Massu - composta de militares fascistas e civis de ex-

trema direita. Depois de adotar como emblema a cruz de Lorena, apelou para o general De Gaulle, convidando-o a tomar o poder em Paris. Apesar do programa direitista e reacionário de Pflimlin, o comando militar francês na Argélia considera-o como «um governo de abandono», isto é, um governo que não continuaria a bárbara repressão contra a população árabe da Argélia.

Agrupamento fascistas realizaram pacientemente demonstrações, junto ao túmulo do Soldado Desconhecido, e tentaram atacar o Parlamento. Neste momento, as forças democráticas e progressistas da França, especialmente as forças de esquerda, que obtiveram maioria nas últimas eleições gerais, mobilizaram-se para impedir um golpe fascista. A gravidade da situação francesa exige que todos os partidos de esquerda ponham de lado suas divergências e se unam numa frente única popular. É isso que o Partido Comunista francês vem reiteradamente pedindo. Não há saída para a crise francesa fora do reconhecimento do direito do povo argelino à independência e à auto-determinação.



Respondendo à queixa do governo soviético a propósito dos vôos de aviões norte-americanos carregados de bombas de hidrogênio em direção às fronteiras da URSS, Mr. Cabot Lodge, delegado norte-americano ao Conselho de Segurança da ONU, afirmou que aqueles vôos tinham objetivos meramente pacíficos. (Charge dos Kultrinkis, publicada na "Pravda").

## TRINTA ANOS DE DITADURA FASCISTA EM PORTUGAL

O velho e gasto dirigente do fascismo português, Oliveira Salazar, completou trinta anos de exercício de poder, numa das ditaduras mais sombrias e prolongadas da Europa. Depois de ter estado ativamente comprometido com o fascismo italiano e o nazismo, o regime de Salazar sobreviveu à derrota de Hitler e Mussolini na segunda guerra mundial, e manteve em Portugal, com os flancos protegidos pela ditadura franquista, um sistema anti-democrático e clerical de características quasi medievais. Depois de alguns anos de isolamento, em que foi «tolerado» pelas potências ocidentais, Salazar ofereceu-se aos imperialistas norte-americanos, cedendo-lhes bases militares e ingressando na OTAN, como membro ativo da «aliança ocidental para a defesa do mundo livre». Os característicos fascistas, anti-democráticos e corporativos do regime não mudaram no fundamental, mas a farsa periódica da «eleição» de um presidente da República passou a ser exibida com maior aparato de propaganda. Os cárceres continuavam, como continuam até hoje, cheios de presos políticos; as oposições impedidas de qualquer espécie de propaganda política; a juventude incorporada obrigatoriamente à milícia para-militar organizada nos moldes nazistas; a imprensa totalmente controlada pelo governo; e as universidades rigorosamente policiadas. Os candidatos governamentais à presidência eram sempre meros auxiliares graduados de Salazar, por este designado para a nova função.

«nacionais, é possível derrubar a ditadura salazarista por via pacífica, e as próximas eleições podem constituir o primeiro passo para essa atuação unitária. De acordo com essa análise, o Partido Comunista Português decidiu apoiar o candidato progressista engenheiro Cunha Leal, lançado numa sessão pública realizada em 31 de janeiro no Porto. Salazar iniciou imediatamente o combate ao candidato das oposições, proibindo quaisquer novas manifestações públicas, inclusive banquetes, e dificultando a coleta de assinaturas de eleitores exigidas para obter o registro legal da candidatura.

Os tempos mudam, no entanto, e em face da evolução da situação internacional, e do descontentamento crescente de setores cada vez mais amplos da opinião pública portuguesa, Salazar viu-se obrigado a aceitar algumas modificações internas. Tornou-se possível, por exemplo, a apresentação de um candidato das oposições, embora continue sendo negado às mesmas o direito de propaganda eleitoral. O Partido Comunista Português, analisando a situação do país, concluiu que era chegada a hora para o início de uma atuação em comum de todas as forças que se opõem à ditadura. Nas atuais circunstâncias internacionais e na-

«Eis que surge então um segundo «candidato da oposição». Trata-se do general Humberto Delgado, alto funcionário do governo, diretor de aeronáutica, e que acaba de representar o país na reunião da OTAN, onde adotou as posições mais provocativas e anti-soviéticas, como simples porta-voz da delegação norte-americana. Delgado pertence a uma das diversas correntes em que subdivide o fascismo português, e é bafejado, por trás dos bastidores, pelo imperialismo norte-americano. Sem dúvida o novo candidato «prime também certas divergências surgidas na evolução constitucional portuguesa, e que se aguçaram ultimamente. Muitos elementos dessa classe considera que Salazar já é figura desgastada e superada, e que é preciso substituí-lo a ele e a seu regime, por um governo «de tipo mais moderno», isto é, com características menos medievais, a fim de evitar «a subversão do país». O general Humberto Delgado consegue no entanto envolver certos meios oposicionistas do centro ou da direita, que desejam a volta ao regime constitucional mas são sensíveis à exploração do «fantasma comunista». Sua candidatura se apresenta assim, fundamentalmente, como candidatura divisionista, enfraquecendo a oposição ao regime. É isso que tanto o Partido Comunista Português como as demais forças democráticas do país estão tentando tornar claro para a opinião pública. Intando porém com os maiores impedimentos inclusive perseguições e violências policiais.

### Crônica Internacional

## Discussões Técnicas Sobre a Cessação das Experiências

Acaba a União Soviética de fazer nova concessão aos pontos de vista norte-americanos, a fim de facilitar um acordo sobre a cessação das experiências com bombas nucleares. Em carta enviada a Eisenhower, o chefe do governo soviético, Nikita Kruschiov, declara-se disposto a aceitar a exigência norte-americana de que, antes de qualquer acordo entre governos, sejam realizadas discussões técnicas sobre essa questão. Os meios oficiais norte-americanos viram-se obrigados a reconhecer publicamente essa demonstração de boa vontade, e notícias das principais capitais ocidentais revelam o grande otimismo e simpatia com que foi recebida a decisão do governo da U.R.S.S.

A carta de Kruschiov deixa bem claro que o governo soviético considera desnecessárias e de utilidade duvidosa tais discussões entre especialistas. É fato unanimemente reconhecido que, com os atuais meios de detecção de ondas sísmicas e de radioatividade da atmosfera, nenhuma explosão de bomba nuclear em qualquer ponto do globo poderia passar despercebida. Além disso, o governo soviético já declarou mais de uma vez que está pronto a concordar com a instalação de postos de detecção de explosões nucleares controlados por um organismo internacional e localizados inclusive em seu próprio território. Não haveria pois necessidade de discussões prévias entre técnicos, que podem ser utilizadas como meio protelatório. Bastaria que os Estados Unidos e a Inglaterra imitassem o exemplo da U.R.S.S. e anunciassem a decisão de também suspenderem suas explosões experimentais. Qualquer violação seria imediatamente assinalada graças aos métodos de detecção já existentes.

Apesar de manter esse ponto de vista, o governo da U.R.S.S. concorda agora com a exigência norte-americana de discussões prévias entre especialistas dos três países, afastando assim mais esse pretexto lançado pelos imperialistas para se furtarem à cessação das experiências.

As explosões experimentais estão prosseguindo. Tanto a Inglaterra como os Estados Unidos realizam novas experiências no Pacífico. O clamor universal contra esse crime de lesa-humanidade atingiu no entanto intensidade sem precedentes. Os cientistas continuam alertando os povos com o peso de sua autoridade, e há poucos dias Linus Pauling, falando na televisão norte-americana, mostrou que dois terços da população total dos Estados Unidos poderiam ser eliminados em poucos dias de guerra nuclear. Torna-se assim cada vez mais difícil aos círculos guerreiros das potências ocidentais deixar de atender à proposta soviética. E agora, sem o pretexto das discussões técnicas prévias, terão mesmo de concordar com algum passo à frente.

A manobra diversionista de Eisenhower, ao propor a inspeção aérea da zona ártica, em lugar de simplesmente determinar a suspensão dos vôos perigosos e provocadores de aviões norte-americanos portadores de bombas de hidrogênio, foi repelida pela U.R.S.S. Eisenhower se comprometia, caso fosse aceita a inspeção aérea, não a suspender os referidos vôos em direção às fronteiras soviéticas, mas simplesmente a «reduzi-los». Parece claro que a proposta de «céus abertos» na região ártica foi feita exclusivamente com essa finalidade diversionista, pois o governo norte-americano já sabia de antemão que ela era inaceitável para a União Soviética. Basta olhar para o mapa para ver que a inspeção aérea da região ártica só daria resultados estratégicos insignificantes aos Estados Unidos. Em lugar de assegurar a paz, aumentaria ainda mais os perigos da guerra, principalmente com a realização simultânea da inspeção aérea e de vôos embora «reduzidos», dos aviões do comando aéreo estratégico norte-americano.

# Nova Conquista Dos Trabalhadores Brasileiros

# Comentário Político

## AS DEMARCHES ELEITORAIS EM SÃO PAULO

**ALCANÇADA A APOSENTADORIA INTEGRAL, AGORA SE TRATA DE INTENSIFICAR A LUTA PELA APROVAÇÃO DA REFORMA DA PREVIDÊNCIA SOCIAL, DA NOVA REGULAMENTAÇÃO DO DIREITO DE GREVE E PELA REVISÃO DO SALÁRIO MÍNIMO**

Finalmente os trabalhadores já dispõem da lei que lhes assegura a aposentadoria aos 55 anos de idade e 30 anos de serviço. Aprovada pelo Senado foi, no mesmo dia, 15 de maio sancionada pelo presidente da República.

A lei subita à sanção presidencial acrescenta de certo número de emendas que, nas casas do parlamento, foram aprovadas de comum acordo com os líderes das principais bancadas. Entre essas emendas, algumas viriam trazer real benefício aos trabalhadores, como é o caso da que estabelecia o reajustamento dos proventos dos aposentados dos Institutos de Aposentadoria e Pensões e da Caixa dos Ferroviários e Empregados em Serviços Públicos, na base dos salários, atuais e futuros, de idênticos cargos, classes ou categorias da atividade a que antes pertenciam. Ao que tudo indica, porém, o presidente teve a preocupação de cumprir estritamente a palavra que fora empenhada pelo sr. João Goulart na I Conferência Sindical Nacional. Assim todas as emendas foram vetadas, sendo a lei sancionada de acordo com o projeto original contido na mensagem presidencial ao Congresso.

Sem dúvida, a lei aprovada está longe de ser o que pode haver de melhor. A exigência simultânea de 30 anos de serviço e 55 de idade, bem como a de haver, o candidato à aposentadoria, contribuído ininterruptamente

para o mesmo Instituto durante os últimos cinco anos, nas condições econômicas e sociais do nosso país, restringem seriamente o gozo da aposentadoria. Apesar disso, no entanto, a aprovação da lei é uma importante conquista dos trabalhadores, obtida na luta contra as mais diversas forças reacionárias que não se cansaram de mover-lhe encarniçado combate e se empenharam, por todas as formas, para dificultar a sua tramitação na Câmara e no Senado.

### NOVOS OBJETIVOS

De posse do diploma que lhes garante a aposentadoria, não devem, porém, os trabalhadores descuidar-se quanto à reforma da Lei de Previdência Social, cujo projeto também já se encontra no Senado. Esta lei, que prevê importantes modificações no serviço de previdência social, tais como a administração dos Institutos pelos próprios trabalhadores, o monopólio do seguro sobre acidentes de trabalho pelo Estado, etc., também conta com a oposição das mesmas forças, ou outras semelhantes às que se opunham à lei de aposentadoria. A sua aprovação, bem como a da lei sobre o direito de greve e, ainda, a realização vitoriosa da campanha pelo estabelecimento dos novos níveis de salário-mínimo, dependerá da luta organizada dos trabalhadores dentro dos seus sindicatos.

As combinações políticas que se processam em vários Estados com vistas às eleições de outubro evidenciam que nem sempre se apresenta de modo tão nítido a separação entre as forças nacionalistas e os setores entreguistas, no plano eleitoral.

Não resta dúvida de que o desenvolvimento econômico e político do país, ao entrar em conflito com o sistema de exploração imperialista e com os interesses ligados à estrutura econômica retrógrada, suscita contradições e problemas agudos — como o do petróleo, e do café, e do comércio exterior, e da legalidade democrática —, diante dos quais cada força política tem que se definir e revelar sua verdadeira fisionomia. Em vários casos, porém, as correntes interessadas na emancipação nacional, no progresso do país e na consolidação da democracia ainda não alcançaram um grau de consciência e unidade que possibilite um acordo completo no terreno eleitoral, com a renúncia a certos interesses exclusivistas, para oporem uma frente única aos candidatos dos grupos entreguistas e reacionários.

Iniciado o jogo político das eleições e postos em disputa os cargos eletivos, o que se verifica é que, ao lado dos motivos fundamentais que determinam a posição dos vários agrupamentos políticos, atuam também fatores ocasionais, contradições secundárias e interesses imediatistas. É compreensível que, em se tratando de facções e personagens do cenário político burguês, os interesses personalistas ou de grupo por vezes se sobreponham às posições de princípio. Daí decorrem muitas das dificuldades para unificar em alianças eleitorais as forças nacionalistas e democráticas.

Por sua vez, os grupos políticos que representam o entreguismo e a reação sacam proveito da falta de coesão das forças nacionalistas, exploram habilmente as contradições de grupos e as paixões individuais, realizando a polí-

tica de "dividir para imperar."

Um exemplo ilustrativo nos é dado pelas últimas demarches em torno da sucessão em São Paulo. Ali se realizam esforços para reunir as correntes nacionalistas e democráticas em redor de um programa comum e de uma candidatura ao governo do Estado. A estes esforços aderiram o PTB, o PSB, o PSD e outros partidos como o PTN, o PRT. Contra esta coligação nacionalista e democrática passou a manobrar o sr. Jânio Quadros, visando miná-la por dentro e impedir a sua concretização. O governador de São Paulo, cujos compromissos com o entreguismo golpista são assás conhecidos, tratou de atrair algumas das forças componentes daquela frente para a candidatura do sr. Carvalho Pinto, que é bafejada pela fina flor do reacionarismo bandeirante. Parece ter conseguido êxito, pelo menos momentâneo, junto a setores do PSB, a uma parcela do PTB e a forças menores co-

mo o PTN e o PRT.

A manobra do sr. Jânio Quadros não conseguirá, porém, desorientar as forças nacionalistas e democráticas do grande Estado, que continuarão a buscar o caminho da unidade e a realizar uma política de princípios. O fato de se encontrarem ao lado do sr. Carvalho Pinto certos setores oriundos das fileiras nacionalistas não altera o caráter essencial de sua candidatura, nem significa que o divisor de águas na campanha eleitoral paulista tenha deixado de ser o antagonismo entre as forças interessadas no desenvolvimento independente do país e os grupos ligados ao atraso e à dependência semicolonial.

Tanto é assim que o grosso das correntes nacionalistas e democráticas de São Paulo vem manifestando decidido repúdio ao candidato do sr. Jânio Quadros e exigindo a unidade em torno de uma candidatura que possa representar seus anseios de emancipação nacional, democracia e progresso.

## Vitória Nacionalista No Conselho Nacional do Petróleo

A decisão do Conselho Nacional do Petróleo, manifestando-se pela entrega à Petrobrás da indústria petroquímica, que deverá explorar os subprodutos da refinaria de Caxias, representa uma nítida vitória nacionalista. Como se sabe, poderosos monopólios imperialistas, como a Koppers, a Good Year e a Firestone, pleiteavam aquela concessão e vinham se valendo dos elementos entreguistas do governo para conseguí-la.

A vigilância da opinião pública nacionalista e do setor nacionalista do próprio governo impediu, porém, que se consumasse uma nova capitulação

diante dos interesses norte-americanos. A imprensa nacionalista denunciou em tempo as manobras, que vinham se processando nos bastidores. Segundo se sabe, elementos do próprio Conselho Nacional do Petróleo estavam se inclinados a ceder diante dos trustes. Prevaleceu, porém, no Conselho, o ponto-de-vista nacionalista, expresso no relatório do coronel Ernesto Geisel.

Resta, agora, que o sr. Juscelino Kubitschek se manifeste, ratificando o voto do Conselho Nacional do Petróleo. É isto o que dele espera a opinião pública, desta vez já alertada, diante do precedente da entre-

ga aos trustes da indústria petroquímica de São Paulo. Impedindo, no caso da refinaria de Caxias, a repetição desse precedente, o presidente da República atenderá a uma justa reivindicação de todo o movimento nacionalista.

## AO CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DEMOCRÁTICA INTERNACIONAL DE MULHERES



Damos acima, aspecto do coquetel oferecido pela Comissão de senhoras encarregada de organizar a delegação brasileira ao Congresso da Federação Democrática Internacional de Mulheres, a realizar-se de 1 a 5 de junho próximo, em Viena. O encontro teve lugar na sede da APISP, na capital bandeirante, no dia 8 do corrente, do qual participaram dezenas de personalidades femininas

## Sobre a «Mística» do Dólar

Conforme noticiou amplamente a imprensa, chegaram a bom termo as negociações para a troca de café (350.000 sacas) e outros produtos brasileiros por 14 navios poloneses, perfazendo cerca de 80.000 toneladas. As vantagens do acordo se fizeram imediatamente perceptíveis à opinião pública. Por um lado, dará o Brasil escoamento a uma parcela dos excedentes dos seus produtos de exportação, principalmente café. Por outro lado, a tonelagem de navios, que receberemos, representa 12% do plano fixado para renovação da frota mercante nacional, sem causar prejuízos aos projetos já em andamento no que se refere à indústria brasileira de construção naval. Além de tudo isto, é de notar que o acordo não implicará em nenhuma alteração nas transações anteriormente previstas com a Polônia.

Ora, apesar de vantagens tão evidentes, saiu a campo o "Correio da Manhã" para combater o acordo. Além de alegações de caráter jurídico sem qualquer importância, apresentou o conhecido órgão entreguista o argumento de que o acordo com a Polónia não trará divisas para o Brasil. Convém examinar este argumento.

É certo que necessitamos de divisas, sobretudo de dólares. Apesar de que o dólar tenha reduzido em mais de 50% o seu poder aquisitivo, com relação ao período de pré-guerra, continua moeda forte, com a qual se pode comprar em qualquer parte do mundo. Daí porque deva ser do interesse do Brasil realizar o maior número possível de transações, que resultem na aquisição de dólares. Compreende-se também, por isto, a importância que tem o nosso comércio com os Estados Unidos. Daí, porém, a aceitar a mística do dólar vai uma distância enorme. Longa experiência já demonstrou que não podemos continuar realizando uma política comercial unilateral, voltada exclusivamente para o dólar e que a ele nos escraviza. A política de comércio exterior, que corresponde aos interesses nacionais, deve ter o caráter de multilateralidade, incluindo o livre intercâmbio de valores com todos os países e as mais variadas formas de transações.

É certo que o acordo com a Polónia não nos trará dólares. Mas nos dará navios. E bons navios, ao melhor preço do mercado internacional: 300 dólares por tonelada. A aquisição desses navios já representará, por si mesma, uma notável economia de divisas. Em primeiro lugar, porque os trocaremos, não por divisas, que nos faltam, mas por café, produto que temos de sobra. Em segundo lugar, porque nos permitirão economizar no pagamento de fretes em dólares e outras divisas, item que é um dos mais pesados de nossa balança de pagamentos.

Assim, pois, enquanto lutamos por aumentar a nossa receita de dólares através do comércio exterior (e a isto objetiva a sustentação dos preços do café, que o "Correio da Manhã" combate), também devemos lutar para dispensar a intermediação do dólar, toda vez que assim possamos aumentar a exportação e receber em troca, em bases convenientes, as coisas de que necessitamos.

O assunto é por demais claro. Ao "Correio da Manhã" é que interessa obscurecê-lo com sofismas. E isto é explicável, porque a sua política é do "quanto pior melhor". Ou seja: quanto mais prejuízos tiver o Brasil, melhor para os entreguistas. Mas esta é uma política que já não tem futuro.

## DECLARAÇÃO SOBRE A POLÍTICA DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL EDITADA EM FOLHETO

Preço do exemplar . . . . Cr\$ 3,00

A venda na sede de VOZ OPERÁRIA, à  
Av. Rio Branco, 257, sala 1.712.

# O Revisionismo Moderno Deve Ser Criticado

N.R. — Reproduzimos, a seguir, o texto integral do artigo de fundo publicado sob o título acima, na edição de 5 do corrente do «Jiminjiao» (Diário do Povo), órgão do Partido Comunista Chinês.

Completa-se hoje o 140º aniversário do nascimento do fundador do comunismo científico, Karl Marx. A partir de 1844, o marxismo sempre lutou contra todo o gênero de correntes ideológicas burguesas e pequeno-burguesas reacionárias lutou contra todo o tipo de idéias oportunistas no movimento operário internacional. O marxismo continuamente conquistou vitórias na luta, porque a prática da revolução confirmava sua justeza. No processo das lutas que travou na época do imperialismo e da revolução proletária, Lênin desenvolveu o marxismo, elevando-o a uma nova etapa — a etapa do leninismo. Atualmente o movimento operário internacional apresenta o marxismo-leninismo um dever novo e sagrado, o dever de lutar intransigentemente contra o revisionismo contemporâneo, ou, em outras palavras, contra um novo bernsteinismo. É uma luta entre duas linhas radicalmente diferentes — a linha marxista-leninista e a linha antimarxista, antileninista, — é uma grande luta, da qual depende o êxito ou o fracasso da causa da classe operária internacional e da causa do socialismo.

O VII Congresso da Liga dos Comunistas da Iugoslávia, terminado recentemente, aprovou o «Projeto de Programa da Liga dos Comunistas da Iugoslávia». É um programa antimarxista, antileninista, revisionista da cabeça aos pés, — em uma palavra. Quanto ao método de pensamento, esse projeto de programa substitui a dialética materialista revolucionária pela sofística; em política, substitui a teoria marxista-leninista do Estado pela teoria reacionária do Estado acima das classes; substitui o internacionalismo proletário revolucionário pelo nacionalismo reacionário da burguesia; em economia política, defende o capital monopolista, e tenta dissimular a diferença essencial entre os dois sistemas — o capitalismo e o socialismo. Esse projeto de programa transgrediu claramente os princípios fundamentais do marxismo-leninismo, contrapõe-se à Declaração da Conferência — realizada em novembro do ano passado em Moscou, — entre os representantes dos partidos comunistas e operários dos países socialistas, e ao mesmo tempo se contrapõe ao Manifesto da Paz aprovado pela Conferência dos representantes de 64 partidos comunistas e operários, com o qual concordou também o representante da Liga dos Comunistas da Iugoslávia. Nesse projeto de programa, todos os princípios básicos da teoria revolucionária, — fundamentados por Marx e Engels e desenvolvidos por Lênin e outros grandes marxistas, — são, sem exceção, chamados de «dogmatismos», ao passo que os dirigentes da Liga dos Comunistas da Iugoslávia se denominam «inimigos intransigentes de todo dogmatismo».

O que há de mais característico no «dogmatismo», contra o qual lançam ataques os dirigentes da Liga dos Comunistas da Iugoslávia? É a revolução proletária e a ditadura do proletariado. Todos sabemos, porém, que sem a revolução proletária e a ditadura do proletariado nenhum socialismo pode haver. O projeto de programa da Liga dos Comunistas da Iugoslávia concentra ataques contra a revolução proletária, agride a ditadura do proletariado, difama os países socialistas e o campo socialista, embeleza os países capitalistas, imperialistas, e o campo imperialista, o que não pode deixar de despertar dúvidas quanto ao «socialismo», de que falam os dirigentes da Liga dos Comunistas da Iugoslávia.

Fazendo coro com os reacionários de todos os países e com os elementos direitistas da burguesia chinesa, os círculos dirigentes da Liga dos Comunistas da Iugoslávia, perversamente caluniam a ditadura do proletariado, afirmando que ela «engendra o burocratismo, a ideologia do estatismo, faz as forças políticas dirigentes se afastarem das massas operárias, provoca estagnação, deformações do desenvolvimento socialista, o aguçamento das diferenças internas e das contradições». Caluniam maliciosamente o campo socialista, declarando que ele também realiza a chamada «política de posições de força e de luta pela hegemonia». Apresentam a existência dos dois sistemas mundiais políticos e econômicos que se distinguem radicalmente um do outro — o campo do socialismo e o campo do imperialismo — como «divisão do mundo em dois blocos político-militares antagonísticos». Consideram-se como pessoas que se encontram fora desses «dois blocos» — o socialista e o imperialista, — isto é, como pessoas que se acham acima dos blocos. A seu ver, a Organização das Nações Unidas, controlada pelos Estados Unidos da América, pode trazer «uma união cada vez maior do mundo». Segundo seu ponto-de-vista, a cooperação econômica internacional entre os di-

ferentes países do mundo, — os países imperialistas inclusive, — é «parte integrante do caminho socialista para o desenvolvimento da economia mundial». Declararam que «a crescente onda das tendências para o capitalismo de Estado no mundo capitalista é a prova mais evidente de que a humanidade, — de modo irrefreável e por caminhos diferentes, — ingressa profundamente na era do socialismo». Essas concepções não podem deixar de nos trazer à mente a pregação de conceitos como «socialismo revolucionista», e «ultra-imperialismo», «capitalismo organizado», «incorporação pacífica do capitalismo no socialismo», realizada em fins do século XIX e princípios do século XX pelos socialistas de direita como Bernstein, Kautski, Hilferding, etc., que tinha por finalidade afastar a classe operária dos países capitalistas da luta revolucionária pelo socialismo para conservar a dominação da burguesia. A atual profissão de fé dos dirigentes da Liga dos Comunistas da Iugoslávia em relação à classe operária e todos os trabalhadores dos diversos países é também ditada pela tentativa irracional de arrastar os operários e todos os trabalhadores a tomar o caminho da capitulação ao capitalismo. Em novembro de 1956 Tito, dirigente da Liga dos Comunistas da Iugoslávia, discursando em Pula, afirmou que «trata-se apenas de saber se o novo caminho, iniciado na Iugoslávia, vencerá nos partidos comunistas», que «trata-se de saber se esse caminho vencerá (isto é, o chamado caminho iugoslavo. — NOTA DA REDAÇÃO) ou se o caminho stalinista conquistará novamente a vitória. A Iugoslávia não tem o direito de fechar-se em si mesma. Deve agir em todos os sentidos». Essas palavras mostram claramente suas verdadeiras ambições.

De forma alguma é casual que o projeto de programa da Liga dos Comunistas da Iugoslávia apareça nos dias de hoje. Após a Grande Revolução Socialista de Outubro, o movimento comunista internacional já conquistou muitas e grandes vitórias históricas. O regime socialista foi vitorioso entre mais de 900 milhões de homens. A crise geral do capitalismo ampliou-se consideravelmente. Os países imperialistas, — e principalmente os Estados Unidos da América, — passam agora por uma nova e profunda crise econômica periódica. Por isso, os imperialistas, chefiados pelos Estados Unidos da América, intensificam sua atividade de sapa contra o movimento comunista internacional. A burguesia tem feito recurso a dois métodos para minar o movimento operário: a força bruta e o engodo. Na nova situação internacional de hoje, quando a ação paralisadora do revisionismo dos socialistas de direita se enfraquece dia a dia entre a classe operária e todos os trabalhadores, o programa elaborado pelos revisionistas iugoslavos corresponde justamente às necessidades dos imperialistas, e em particular dos imperialistas americanos.

No discurso «Sobre o justo tratamento das contradições no seio do povo», o camarada Mao Tsé-tung afirma que «o revisionismo, ou oportunismo de direita, é uma corrente ideológica burguesa ainda mais perigosa do que o dogmatismo. Os revisionistas, oportunistas de direita, em palavras defendem o marxismo e também atacam o «doutrinismo». No entanto, aquilo que combatem são justamente as teses mais fundamentais do marxismo». Neste momento os fatos já demonstram que essas palavras do camarada Mao Tsé-tung não só correspondem à situação reinante em nosso país como constituem uma explicação para a situação internacional.

A Declaração da Conferência entre os representantes dos partidos comunistas e operários dos países socialistas considera «nas condições atuais, como o perigo principal o revisionismo ou, em outras palavras, o oportunismo de direita, como manifestação da ideologia burguesa que paralisa a energia revolucionária da classe operária, o que exige a conservação ou restauração do capitalismo». Na Declaração, ressalta-se com nitidez que «o revisionismo contemporâneo tenta denegrir a grande doutrina do marxismo-leninismo, declara-a «obsoleta» e hoje sem significação para o progresso social. Os revisionistas procuram destruir o espírito revolucionário do marxismo, e minar a fé da classe operária e do povo trabalhador no socialismo. São contra a necessidade histórica da revolução proletária e da ditadura do proletariado durante a transição do capitalismo ao socialismo; negam o papel dirigente do partido marxista-leninista; negam os princípios do internacionalismo proletário; exigem que rejeitem os princípios leninistas fundamentais relativos à construção do Partido e sobretudo o centralismo democrático; exigem que — de organização revolucionária combativa, — se

transforme o Partido Comunista em algo parecido com um «clube de debates». Na Declaração se descreve com clareza particular a fisionomia dos revisionistas contemporâneos, e o conteúdo do projeto de programa da Liga dos Comunistas da Iugoslávia reflete precisamente essa fisionomia.

É perfeitamente clara a necessidade de submeter a uma crítica franca e sem compromissos, toda uma série de concepções antimarxistas, antileninistas, revisionistas do princípio ao fim, concentrados no projeto de programa da Liga dos Comunistas da Iugoslávia. Se em fins do século passado e no começo do atual tornou-se inevitável que os marxistas criticassem teoricamente o revisionismo de Bernstein, de Kautski e outros já hoje é muito mais indispensável que critiquemos o novo bernsteinismo. Essa necessidade decorre do fato de que o revisionismo moderno é defendido pelos círculos dirigentes de um partido que está no poder, como programa acabado e sistemático. Decorre ainda do fato de que o revisionismo atual tem por finalidade provocar a cisão no movimento comunista internacional e socavar a solidariedade entre os países socialistas; do fato de que atenta diretamente contra os interesses básicos do povo iugoslavo.

Consideramos justa no fundamental a crítica aos erros do Partido Comunista da Iugoslávia contida na «Resolução do Biró de Informação sobre a situação no Partido Comunista da Iugoslávia», aprovada em junho de 1948, — crítica no sentido de que o Partido Comunista da Iugoslávia se afastara dos princípios do marxismo-leninismo e passara a adotar as posições do nacionalismo burguês. Consideramos, ao mesmo tempo, ter havido falhas e erros nos métodos de resolver esse problema, métodos postos em prática na época pelo Biró de Informação. A Resolução do Biró de Informação sobre a Iugoslávia, aprovada em novembro de 1949, foi errada, e os partidos comunistas e operários que participaram dos trabalhos dessa conferência do Biró de Informação posteriormente anularam essa resolução. A partir de 1954, a União Soviética e outros países do campo socialista, — revelando o máximo de boa vontade e fazendo tudo o que podiam, — tomaram várias providências que visavam a melhorar suas relações com a Iugoslávia. Isto foi plenamente justo e necessário. Os partidos

comunistas assumiram uma atitude de expectativa paciente, confiando que os dirigentes da Liga dos Comunistas da Iugoslávia voltariam a adotar as posições do marxismo-leninismo, no interesse da marcha do povo iugoslavo, pelo caminho do socialismo. Os círculos dirigentes da União dos Comunistas da Iugoslávia rejeitaram, porém, os esforços bem intencionados do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética e de outros partidos às vésperas dos acontecimentos na Hungria, os círculos dirigentes da Liga dos Comunistas da Iugoslávia tentaram, — a pretexto de lutarem contra o stalinismo, — minar a unidade dos países do campo socialista. Por ocasião dos acontecimentos na Hungria apoiaram a camarilha do traidor Naji. No último congresso da Liga dos Comunistas da Iugoslávia, foram adiante e chegaram a defender um programa revisionista completo e sistemático. Os dirigentes da União dos Comunistas da Iugoslávia deveriam pensar seriamente nas seguintes questões: é possível — rejeitando os pontos-de-vista, fundamentais do marxismo-leninismo, atender-se tenazmente a concepções revisionistas, — manter a unidade com os partidos comunistas de outros países? É possível haver base para a unidade quando não existem concepções marxistas-leninistas comuns? Rejeitar a amizade com os países do campo socialista, rejeitar a amizade dos partidos comunistas corresponde aos interesses do povo iugoslavo?

Consideramos de todo necessário estabelecer uma delimitação precisa entre o que é verdade e o que é falso quanto aos problemas de princípios no movimento operário internacional. Como ressaltava Lênin, «a política de princípios é a única política justa». O mundo se encontra hoje num ponto de reviravolta da história, quando o vento que sopra do Oriente domina sobre os ares precedentes do Ocidente. A luta entre as linhas marxista e revisionista não é mais do que o reflexo do aguçamento da luta entre as novas forças sociais de classe e as forças sociais de classe moribundas, reflexo do aguçamento da luta entre o mundo imperialista e o mundo socialista. Nenhum marxista-leninista, pode evitar essa luta. O desenvolvimento histórico demonstra, com evidência cada vez maior, a imensa importância de que se reveste essa luta para o movimento comunista internacional.

## CENTRAL DO BRASIL TRAGÉDIA DO POVO

(CONCLUSÃO DA PÁG. 12)

tral deve viajar, diariamente, aproximadamente um terço da população do Rio. Muitas pessoas, sob os efeitos do calor que produziu pelo último desastre, passaram a utilizar outros meios de transporte. Mas, ante o volume de passageiros que a Central transporta essa diferença, para menos, nem sequer é notada. A imensa maioria não dispõe de recursos para servir-se de ônibus e lotações e como que a impelir mais gente para o «matadouro», o prefeito Negro de Lima, no dia em que se verificou o desastre, já havia concedido um novo e brutal aumento nas passagens de ônibus, tornando este transporte ainda mais proibitivo para os trabalhadores. Assim, o trabalhador residente nos subúrbios, não tem outra alternativa senão entrar nesses vagões e nêles viajar, sempre na dolorosa expectativa de ser uma das vítimas do próximo desastre.

### IMPÕE-SE UMA SOLUÇÃO EM PROFUNDIDADE

Até quando continuará a população do Rio sofrendo pelos desmandos existentes na principal ferrovia do país? O sr. Juscelino Kubitschek substituiu a direção da Central, mas isso não basta. São necessárias medidas de maior profundidade, de remodelação de um sistema de administração que vem falhando há longos anos e criou uma lúgubre tradição para essa empresa do Estado.

Em primeiro lugar há necessidade de aumentar o número de trabalhadores qual-

ificados, elevar os seus salários e reduzir suas horas de trabalho. A seguir, o reequipamento da ferrovia — instalação da sinalização automática inclusive na linha auxiliar, a substituição dos trilhos gastos, dos dormentes podres, etc... Rodando sobre trilhos cheios de sinuosidades pelo desgaste já sofrido e que, assentes em dormentes podres, dançam doidamente à sua passagem, os trens da Central estão sempre arriscados a não chegar a seu destino.

Não é possível aceitar a explicação da falta de recursos para justificar a continuação do atual estado de coisas. A construção de Brasília exige muito maiores recursos do que exigiriam uma completa remodelação de todos os serviços públicos do Distrito Federal. Empreendimentos como esse e, inclusive a industrialização do país, necessária à nossa independência econômica, não podem ser levados à prática à custa da vida e do sangue do povo

brasileiro. O governo tem todas as possibilidades de con-

segui-lo sem esse sacrifício. No que se relaciona com a situação da Central do Brasil, as atenções do povo voltam-se agora para o governo Federal. Os desastres na Central não podem surpreender ninguém, da mesma forma que não podem surpreender ninguém as secas que periodicamente infligem sofrimentos inenarráveis aos nossos irmãos nordestinos. Ambas as coisas se repetem por inércia dos governos que têm sucedido no país. O atual governo não pode ser responsabilizado pela herança que recebeu dos anteriores. Mas será mais responsável do que os seus antecessores, se não empreender com a suficiente energia a solução desses problemas. Para isto, o governo contará por parte do povo com especial, dos trabalhadores, com o mesmo apoio enérgico e entusiasta, que possibilitou resolver o problema do petróleo e construir a Petróbrás.

Partindo de um satélite artificial da Terra à velocidade de 3.129 M seg., poder-se-á efetuar um vôo sem escala Terra-Lua-Terra em 10 dias e 11 minutos.

(Prof. de Astronáutica, A. STERNFELD)

LEIA: O VÔO NO ESPAÇO CÔSMICO

EDITORIAL VITÓRIA LTDA.

Rua Juan Pablo Duarte, 50 — Sobrado, D. F. (antiga Rua das Marréas) Tel.: 22-1618

# O Caráter da Abolição da Escravatura no Brasil

REPRESENTA a liberdade dos escravos cujo 70º aniversário festejamos a 13 de Maio, a maior e mais profunda mudança já verificada na estrutura da sociedade brasileira: entendeu-se em 1888 um tipo de relações de produção. Na análise das causas desse grandioso processo histórico, há quem destaque demasiado a influência dos fatores políticos externos. Fora de dúvida, desempenhou seu papel a conjuntura internacional da época, francamente hostil à escravidão sem máscara; na América, eram negras as crescências Brasil e Cuba. Mas, sob estas fontes e os documentos disponíveis, foram as contradições econômicas próprias ao sistema que levaram afinal à bancarrota.

Antes ainda do extermínio definitivo do tráfico, Straden Ponthoz, diplomata belga que de maneira concreta estudou o assunto, observava que, em média, um fazendeiro tinha de renovar a escravaria de dez em dez anos; importando colonos, só empregaria a quarta parte do capital necessário à compra dos negros e, em menos de cinco anos, teria amortizado capital e juros. Quando o regime do cativo se aproximava do fim, o jovem médico francês Louis Couty, notável pelas exaustivas pesquisas econômicas que realizou no interior do Brasil, deixou provado em notas e estatísticas que o escravo rendia ao fazendeiro consideravelmente menos que o trabalhador livre. Couty adianta a hipótese de que foram os altos preços do café no mercado internacional, em virtude do monopólio quase completo que o Brasil conquistara em meados do século XIX, que talvez tivessem prolongado o trabalho escravo entre nós, enquanto noutras circunstâncias tal teria sido desastrosamente antieconômico.

Seja como for, não se pode exigir de um escravocrata a mentalidade de um economista. Não disputam os fazendeiros de trabalhadores livres em quantidade bastante e os que havia raro sujeitavam-se às condições impostas. Mesmo que não faltassem braços para alugar, não iriam os donos das senzalas privar-se por vontade própria do acervo de mão-de-obra cativa ainda existente e gratuitamente explorado; ninguém espera que urubu despreze carniça.

Para abolir de uma vez por todas a escravatura, era preciso que nova força social vencesse o egoísmo e resistência dos senhores de escravos. Sempre aconteceu assim. Mas, enquanto no Haiti a derrubada do sistema foi produto de uma revolta dos próprios escravos, e nos Estados Unidos trouxe consigo longa e sangrenta guerra civil entre os latifundiários do Sul e os homens livres do Norte, entre nós constituiu — por assim dizer — exemplo clássico de transição pacífica, por via parlamentar.

Isto não significa, de modo nenhum, que o 13 de Maio seja devido à pura bondade da Princesa Isabel, nem à sábia iniciativa dos ministros do Império. Ao contrário, representou o epílogo de um processo político no qual se conjugaram duas irresistíveis correntes sociais: a luta que através de séculos travaram os escravos pela sua liberdade, e o movimento democrático abolicionista que durante anos apaixonou o país. Pode-se afirmar, de acordo com a mais estrita verdade histórica, que a Lei Áurea arrancou-a o povo brasileiro a um Parlamento onde raros antiescravistas tinham voz, e que tudo fizera para contornar ou impedir a transformação radical. Foi imposta a um governo cuja força repousara sempre na aristocracia agrária. Vejamos como.

Desde quando os navios **tambores** começaram a desembarcar nas praias do Brasil escravos africanos, estes e seus descendentes, os chamados criolos, não cessaram de resistir ao trabalho forçado que lhes era imposto com a chibata, o tronco e a gargalheira. A sua forma específica de luta consistia na fuga individual ou coletiva e na organização de **quilombos** em lugares ermos e de difícil acesso, onde resistiam às investidas dos **capitães do mato**. Mais tarde, surgiram sociedades secretas de escravos e registraram-se conspirações e levantes em fazendas, cidades e regiões inteiras.

Já no primeiro século da Colônia, mal não tinham principiado a labutar nas plantações de cana as primeiras levadas de escravos negros, há notícia de um quilombo na Bahia. Em 1575, depois de duro combate, foram os defensores do reduto derrotados pelas tropas do governador Luís de Brito de Almeida, e novamente agrihoados.

O século seguinte, — antes, durante e muito depois da invasão holandesa —, pertence todo ele ao Quilombo dos Palmares. Liga de vários aldeamentos dispersos por vasta área, organizada nos moldes dos Estados africanos do Congo e de Angola, resistiu nas matas de Alagoas e fronteiras de Pernambuco a numerosas expedições enviadas pelo governo e os grandes proprietários de terra. Zumbi, chefe militar dos negros palmarinos, deixou uma lenda que vive até hoje e um grande ensinamento de luta.

Enquanto desse modo resistiam os escravos do Norte, por volta de 1650 os quilombolas do Rio de Janeiro travavam batalha com o sinistro capitão Manoel Jordão da Silva. Mas as fugas continuaram. Resolveu a Câmara remunerar a captura de cada escravo: 15200 na zona entre a cidade, a lagôa Rodrigo de Freitas e o distrito de Itaboraí; 25000 até Itaboraí; 45000 até Campo Grande e daí em diante 85000. Nada adiantou. Meriti, Itaboraí, Sarapuá, Campo Grande e Guaguaçu, onde houvera fazendas prósperas, tornaram-se — diz o cronista — centros de desordens e morticínios.

Com a descoberta do ouro nas Minas Gerais e o deslocamento de grande massa cativa para o trabalho das lavras, verificaram-se durante quase todo o século XVIII, no território da capitania, fugas, conspirações e levantes de escravos. Em 1712 sabe-se de uma tentativa de sublevação. Nos anos de 1718 e 1719 os libertos aliam-se a seus irmãos ainda julgados. Em 1724 abortiu uma revolta porque não conseguiram pôr-se de acordo os angolas e os minas que a preparavam em entendimentos secretos.

Certa vez correu o boato de que o povo dos quilombos havia combinado com o pessoal das senzalas assaltarem ao mesmo tempo, durante a noite de 15 de abril de 1756, Vila Rica e outros centros de Minas Gerais. Alarmados, os donos das fazendas de ouro, contrataram os serviços do bandeirante Bartolomeu Bueno de Prado que, antes da 8ª prefixada, invadiu os quilombos e apresentou-se carregando glorioso troféu: 1.900 pares de orelhas dos negros que destruiu.

Já no princípio do século XIX, durante o processo da Independência, deslocou-se para a Bahia o centro da rebelião escrava: é o movimento dos haussás e nagôs, de aspecto acendradamente religioso. De 1807 e 1835 quase não passou ano

## Maurício VINHAS

sem que estourasse ou fosse descoberto um motim de escravos. Na última data citada, segundo as autoridades, os negros muçulmanos do interior da província se sublevariam «no intuito de reunir-se ao maior Arrumá ou Alumá (...), junto com os negros da cidade tomariam conta da terra, matando os brancos, cabras e negros criolos, bem como os negros africanos que se recusassem a aderir ao movimento». Malgrado o levante malé, aprovou o governo a Lei Excepcional de 1835 punindo com a força os escravos que levantassem a mão contra os donos ou feitores, e, por delitos menores, com a pena de açoites que muitas vezes levava também à morte.

Apesar desse código de castigos, não cessaram no Brasil as tentativas dos escravos para quebrar o tronco e os grilhões. Em 1849 desencadeou-se no Espírito Santo a Insurreição do Queimado: auxiliados a princípio por um frade italiano que lhes falava da liberdade que gozavam os povos da Europa, empunharam armas os cativos de uma vasta área, organizaram-se militarmente, obrigaram os senhores a assinar-lhes cartas de alforria, e só se entregaram depois de derrotados por tropas muito superiores, no combate de Pendi-luca.

Durante séculos os negros lutaram no Brasil contra a escravatura, deram provas de heroísmo e tenacidade, mas não foram capazes de unir-se numa ação de maior envergadura que sacudisse para sempre o jugo. Tal se deve, entre outras causas, às divisões que existiam entre os próprios negros escravos, entre africanos de origem e criolos, **ierubas e hantus, congos e mocambiques**, enfim uma incrível multiplicidade de línguas e culturas, habilmente explorada pelos escravocratas.

Por outro lado, antes da segunda metade do século XIX, no meio dos brasileiros livres não se produziu nenhum movimento forte e duradouro contra o estatuto servil. E' verdade que os inconfidentes mineiros planejavam abolir o cativo, e, além disto, os líderes da Conjura dos Alfaiates, muitos deles mulatos, sonhavam com um Brasil soberano onde não houvesse preconceito de cor. Do programa da Revolução Pernambucana de 1817 constavam nobres ideais emancipadores.

Conquistada a Independência, houve quem cogitasse de liquidar com a escravidão. José Bonifácio de Andrade e Silva, primeiro-ministro do Império e deputado à Assembléia Constituinte, redigiu um projeto. «E' tempo — dizia o Patriarca da Independência — de termos acabando gradualmente os últimos vestígios da escravidão entre nós, para que venhamos a formar em poucas gerações uma nação homogênea, sem o que nunca seremos verdadeiramente livres, respeitáveis e felizes.» Mas a Assembléia foi dissolvida por Pedro I, nem pôde nela apresentar o seu projeto José Bonifácio, e, no Império cuja economia assentava na exploração do braço escravo, tão cedo quase mais ninguém trataria de abolir o sistema.

O movimento abolicionista só arranca depois de suprimido o tráfico, quando o país conhece um surto de atividades comerciais, manufatureiras e bancárias e atravessa uma crise econômica de certa monta: a quebra de Souto. Esta primeira fase do abolicionismo caracteriza-se pela propagação de idéias e pelo acerto no lado sentimental do problema. Nela distinguiram-se Tavares Bastos, cujas «Cartas do Solitário» (1862) é um libelo contra o cativo; Castro Alves, cujas poemas reunidos em «Os Escravos» foram escritos e recitados nos salões a partir de 1863, e Perdigão Malheiros, que analisando a história jurídica e socialmente o problema em «A Escravidão no Brasil» (1866), deixou um trabalho de imenso interesse até hoje.

Tão poderosa foi a força da propaganda que, dentro em pouco, nem os mais ferrenhos escravocratas ousavam defender publicamente a legitimidade do cativo limitavam-se a afirmar — como Pedro II — que tudo era questão de «oportunidade e forma». Rodrigues Torres, chefe de gabinete no final da guerra do Paraguai, expressou esse modo de pensar ao dizer na Câmara que o problema era gravíssimo, e cumpria proceder com cautela. «Não queiramos — acentuava ele — de chofer aluir os fundamentos em que, há três séculos, se acha assentada a sociedade brasileira.»

A fase inicial do abolicionismo terminou em 1871 com a aprovação, no Parlamento, da Lei do Ventre Livre, com que os escravocratas pretendiam trancar o debate, alegando que apenas pelo efeito da medida legislativa deixaria aos poucos de haver escravos no Brasil. Argumentavam os emancipadores que, neste caso, haveria ainda negros no cativo por volta de 1950.

A segunda fase — na qual se desenrola a campanha abolicionista propriamente dita —, cresce nos anos que antecedem 1880, e aprofunda-se e ganha vulto a partir dessa data. Liga-se com as campanhas jornalísticas de um José do Patrocínio, com as ações jurídicas de um Luís Gama — que defende perante os tribunais a tese de que um escravo que mata o senhor cumpre dever de legítima defesa —, com os desenhos de um Angelo Agostini mostrando a escravatura em todo o seu horror, com os discursos de um Joaquim Nabuco ao reabrir a questão no Parlamento, com o aumento das coletas para os fundos de emancipação, com a multiplicação dos clubes abolicionistas, e assim por diante. A propaganda transformase em agitação.

Em 1880 organiza-se no Rio a **Sociedade Brasileira contra a Escravidão**. Também nas províncias ganha impulso o movimento. Em Fortaleza, funda-se, por exemplo a **Sociedade Cearense Libertadora**, com elementos da entidade **Perseverança e Porvir** que já angariava recursos para a compra de cartas de alforria. Numo das primeiras reuniões a portas fechadas, um sócio crava o punhal na mesa e todos sobre ele juram «matar ou morrer, se preciso for, em prol da abolição dos escravos». E' uma dúzia de abnegados. Pouco depois, entretanto, promovem a greve dos jagadeiros. Recusaram-se estes a embarcar escravos que do Ceará se vendiam para as lavras do sul. Como os navios não podiam atracar, e os jagadeiros que levavam carga e pessoas, apesar de todas as ameaças, não cederam, ficou interrompido o tráfico interno.

Tal gesto repercutiu no país. Um processo intentado contra membros da Sociedade os quais eram acusados de «roubar escravos», desmoralizou-se graças à habilidade dos advogados e a boa vontade do juiz. Alastra-se e ganha forças a associação. De uma feita, escolhe a esmo um município para livrá-lo da escravatura: Acarape. Utilizados meios legais e também ilegais, em breve o consegue. Acarape se torna um símbolo de importância nacional. Outros municípios têm a mesma sorte. Em 1884 a Assembléia Legislativa do Ceará vota lei abolindo a escravidão na província. Nos festejos, em lugar de honra, aparecem os antigos fundadores perseguidos daquele a entidade a princípio tão fechada e sectária.

No ano anterior tinha sido instalado no Rio a **Confederação Abolicionista**, centralizando em seu seio todas as associações antiescravistas do país. Em São Paulo, o enterro de Luís Gama, — filho de uma africana que tomara parte nos levantes da Bahia e que próprio escravo também até a adolescência, — se havia transformado em pujante manifestação contra o cativo. Um orador concitou a multidão a jurar que não deixaria morrer a idéia pela qual combatia o grande abolicionista. Relata o romancista Raul Pompeia, que esteve presente: «Um brado surdo, imponente, vasto, levantou-se no cemitério. As mãos estenderam-se abertas para o cadáver. A multidão jurou.»

De acordo com um plano que merecera a aprovação de Luís Gama, organizou-se a **terror Ordem dos Cafetões**, liderada por Antônio Bento e da qual faziam parte, além de intelectuais, comerciantes e artesãos, muitos operários — inclusive italianos — que nela exerceram destacada atividade. Esta associação, que era secreta, permitiu o contato dos abolicionistas da cidade com os negros das fazendas. Articulava os levantes neste e naquele município, preparando a fuga de centenas que, em pequenos grupos, já sabiam qual o itinerário a tomar, e encontravam por toda parte amigos, esconderijos e lugares de pouso. Dirigiam-se desse modo, através da serra de Cubatão, para o abrigo de Santos, onde — no final da campanha — havia de dez a doze mil libertos no Quilombo de Jabaquara, sob a proteção do povo da cidade portuária. A Ordem dos Cafetões contribuiu para desorganizar a economia dos grandes fazendeiros de café, que não queriam abrir mão do trabalho escravo.

Diante dessa gigantesca agitação que sacode o país de Norte a Sul, perde o governo a estabilidade. Sucedem-se em ritmo vertiginoso os gabinetes. Em 1882 Martinho Campos, que se proclama «escravocrata da gema», declara ainda que «resistirá a todas as impaciências». Dois anos depois, o ministério Souza Dantas apresenta a proposta de libertar os escravos maiores de 60 anos. Seria ridícula nas suas dobras não lobrigassem os escravistas estar em jogo o sagrado princípio da propriedade escrava, pois o projeto não previa indenização. «Dêem-nos ao menos um níquel», — clamava o deputado Lacerda Werneck Como ele e os outros não foram atendidos, por 59 contra 52 votos a Câmara aprovou moção de desconfiança na política do gabinete. Houve eleições, durante as quais os escravocratas, organizados nos **Clubes da Lavoura** tudo fizeram para conseguir sólida maioria contra a corrente libertadora. No ano seguinte, ao reunir-se o novo legislativo, parecia italiano: eles conseguido o seu intento. Não contavam, porém, que o povo carioca ocupasse as vizinhanças da Câmara, dificultando a entrada dos deputados mais reacionários, e vaiando-os todos os dias. Populares tomavam as galerias, e dali também se manifestavam ruidosamente. Não tiveram assim os escravocratas ânimo para enfrentar o projeto. Alegando que «o ministério não pode garantir a ordem e a segurança públicas, que são indispensáveis à resolução do projeto de elemento servil», negou-lhe confiança por 52 contra 50 votos. O novo gabinete viu-se, entretanto, forçado a apresentar, no mesmo ano, o mesmo projeto. E' que, no intervalo de tão poucos meses, toda a opinião pública reclamava, não apenas a liberdade dos sexagenários, mas a abolição imediata e incondicional. Os escravistas, levados à defensiva, não tinham mais esperança de ganhar a causa; queriam apenas protelar o epílogo. Subiu afinal o gabinete Cotegipe, cujo programa podia resumir-se em muito poucas palavras: «nem mais um passo a favor dos escravos».

Realmente, tudo fez Cotegipe a fim de conter, por meios repressivos, a onda abolicionista. Lançou a polícia contra os comícios, fez evacuar as praças públicas, mas os abolicionistas passaram a armar-se para arrostar as violências. Articulou plano de «secretar estado de sítio em São Paulo, e mandar uma canhoneira ao porto de Santos «com o fito de recolher os escravos ali acoitados e, juntamente, alguns dos mais notáveis agitadores abolicionistas». Para isto, precisava o governo contar com o Exército.

A própria Princesa Isabel foi quem deu ordem às tropas no sentido de atenderem ao ministro. No entanto, a resposta não se fez esperar. Por intermédio do **Clube Militar**, os oficiais, já ganhos pela propaganda antiescravista, declaravam-se contrários a prestar-se ao papel de «capitães do mato».

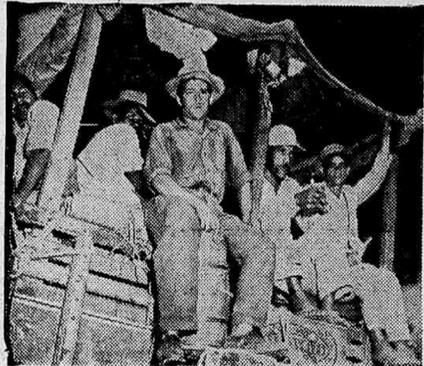
Sem força moral nem material para esmagar a campanha vitoriosa, o governo teve de ceder. A arbitrária prisão de um oficial de Marinha foi pretexto para a demissão de Cotegipe. Subiu o gabinete João Alfredo, cujo primeiro ato foi apresentar a «abolição do elemento servil». Dias depois, com as galerias e o próprio recinto ocupados pelo povo, entre o qual se viam pessoas segurando o estandarte da Confederação Abolicionista ou delegados do **Quilombo da Praia do Le Blon**, a Câmara aprovou, contra apenas nove votos a Lei Áurea:

«Art. 1º — E' declarada extinta a escravidão no Brasil.  
Art. 2º — Revogam-se as disposições em contrário.»

Foi assim que a abolição da escravatura não custou ao povo brasileiro o preço de uma guerra civil. Mas, pouco antes do 13 de Maio, quando nas cidades as sociedades abolicionistas entravam em choque com a polícia, e no interior os negros fugiam em massa, e — como recorda Oliveira Vianna — corria o boato de que «os escravos conspiravam uma sorte de São Bartolomeu senzeleiro, em que desapareceriam, numa só hecatombe, toda a classe senhorial», ninguém poderia garantir que a transição fosse necessariamente pacífica. Só não ouve sangue derramado porque os escravocratas foram levados a um beco sem saída, e tiveram de entregar os pontos. Tudo terminou em festa, a maior festa popular que até então o Brasil conheceu. «Verdadeiramente — escreveu Machado de Assis, quase sempre tão circunspecto —, foi o único dia de delírio público que me lembra-ter visto».

E foi o começo de uma nova etapa.

# NO NORDESTE: PIOR a FALTA de TERRA do que de ÁGUA



O célebre pau-de-arara, quando conduzia dezenas de retirantes para o sul do país.

A SECA de excepcional gravidade, que, este ano, atingiu o nordeste, chamou, mais uma vez, a atenção aos brasileiros para um dos mais sérios problemas nacionais. Já são muitos, hoje, que compreendem que o problema do nordeste não é estritamente regional, mas autenticamente nacional. As forças interessadas no desenvolvimento progressista do país não podem postular este desenvolvimento em termos exclusivamente sulinos. O atraso de regiões tão imensas como o norte e o nordeste acabará sendo um entrave ao próprio desenvolvimento do sul, como poderá constituir verdadeira ameaça à preservação da unidade nacional.

As forças interessadas no desenvolvimento progressista do país não podem postular este desenvolvimento em termos exclusivamente sulinos. O atraso de regiões tão imensas como o norte e o nordeste acabará sendo um entrave ao próprio desenvolvimento do sul, como poderá constituir verdadeira ameaça à preservação da unidade nacional.

## A SECA É UM PROBLEMA DERIVADO

Já hoje não é mais possível focalizar os problemas do Nordeste, reduzindo-os a um único: o das secas. Estas só produzem as terríveis consequências, que agora se repetem, porque se verificam no quadro de uma economia permanentemente com a mão na boca, que não dispõe de reservas para impedir que um fenômeno natural de caráter periódico se transforme numa calamidade. Existem muitas regiões do globo mais áridas do que o Nordeste brasileiro, menos beneficiadas pelas chuvas, e que, entretanto, apresentam elevado índice de desenvolvimento econômico, quer agrícola ou industrial. Tal é o caso de certas regiões dos Estados Unidos, da Austrália da União Soviética e do Estado de Israel. Do ponto de vista da técnica moderna, o baixo índice pluviométrico ou a irregularidade das chuvas (é este, principalmente, o caso do Nordeste) não constituem mais obstáculo insuperável para a valorização econômica de tal ou qual área geográfica.

Os estudos dos meios técnicos para enfrentar as secas, nas condições particulares do nordeste, tem naturalmente grande importância. Mas seria demasiado unilateral e, em consequência, impróprio, reduzir somente a isto a solução da complexa e grave questão nordestina. Neste unilateralismo incluiu o sr. Juscelino Kubitschek ao afirmar, depois de sua viagem ao nordeste, que o combate às secas cifra-se num trinômio: estradas, açudes e irrigação. É evidente que o Nordeste precisa destas três coisas. De pouco, porém, a não ser que recebam, em sua aplicação simultânea de outras medidas, que transformem a própria estrutura econômica da região.

## Extrema Desigualdade do Desenvolvimento Brasileiro

Poucos países do mundo registram, como o Brasil, tão extrema desigualdade de desenvolvimento das suas várias regiões. Basta dizer que a renda "per capita" de São Paulo é 12 vezes maior do que a do Piauí. Entretanto, mesmo na América Latina, a relação entre as rendas extremas não passa de 1 para 8 e, nos Estados Unidos, de 1 para 27. Vejamos, a respeito, mais alguns dados significativos, elaborados pela Fundação Getúlio Vargas (Revista Brasileira de Economia, dezembro de 1956).

Em 1947, todos os Estados do nordeste (incluindo o Piauí, Ceará, R. G. do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia) contribuíram com 15,7% para a renda na-

cional. Em 1955, esta contribuição desca para 13%. Enquanto isto, todos os Estados do sul (incluindo Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, S. Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) contribuíram com 41,8% para a renda nacional. Em 1955, esta contribuição desca para 37%. Enquanto isto, todos os Estados do sul (incluindo Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, S. Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) contribuíram com 41,8% para a renda nacional. Em 1955, esta contribuição desca para 37%.

mente dos seus co-irmãos setentrionais. Não pode haver interesse nacional em que este processo prossiga e se agrave. Daí surgem contradições, que ameaçam potencialmente a unidade nacional e que amanhã podem vir a ser exploradas pelas piores forças reacionárias internas e externas.

## Necessária a Execução de um Programa Federal

Em sua declaração política, recentemente publicada, os comunistas apresentaram ao debate de todas as forças nacionalistas um projeto de plataforma. Uma das propostas contidas neste projeto é a seguinte: «Execução de um programa federal para o desenvolvimento das regiões mais atrasadas do país e, em particular, incentivo à industrialização do nordeste».

**IMPORTÂNCIA NACIONAL DOS PROBLEMAS DO NORDESTE — A EXTREMA DESIGUALDADE DE DESENVOLVIMENTO AMEAÇA A UNIDADE DO PAÍS — ONDE AS SÉCAS SÃO APENAS UM EPISÓDIO — HISTÓRIA DE UM FRACASSO: OS ACUDES — SOLUÇÃO QUE SE TORNA EVIDENTE: O CAMPONÊS NORDESTINO PRECISA ANTES DE TERRA DO QUE DE ÁGUA — DESAFIO AO MOVIMENTO NACIONALISTA**



uma dúvida que esta e outras questões mais importantes para todo o movimento nacionalista. Em recente entrevista ao «Jornal do Comércio», o sr. Humberto Bastos, membro do Conselho Nacional de Economia, declarou que aquele órgão possuía estudos e planos elaborados para o reergimento do nordeste. Acrescentou, porém, o conselheiro, que a tristeza que se verifica que na realidade não foi cumprido. A razão porque as secas se transformam em tragédia. A seca não vem despertar a consciência nacional para a necessidade de um esforço coletivo, a começar do governo, para revalorizar o nordeste, transformando sua estrutura econômica em um fim às suas perdas de recursos humanos e materiais, que se prolongam todos os anos e que agravam na época das secas.

## Área dos Açudes

Como sobrevêm as secas, já tornou tradicional falar em açudes. O assunto vem à baila, como solução, que tudo pode resolver, porém, de tanto se fala em açude, já há mais de um século, o governo federal demonstrado a respeito das inoperâncias. De acordo com a Inspeção Federal de Obras Contra as Secas, do Departamento Nacional, vem se arrastando penosamente a construção de açudes servindo, em geral, para as negociações, que beneficiam certos latifundiários e algumas famílias políticas.

A área dos açudes, em uma das últimas publicações, se referiu ao clamoroso de açudes que levaram 15 a 20 anos para serem constituídos. Admitindo-se a reparação: «A manutenção contínua nos açudes reflete-se em desastrosas paralisações e, em muitos casos, abandono de obras. Algumas delas prolongam-se por dezenas de anos até serem concluídas. Exemplo de Aracargé, com capacidade para 34 milhões de metros cúbicos, foi iniciado em 1909 e concluído em 1924; o de Santo Antônio, com capacidade para 24 milhões de metros cúbicos, iniciado em 1910 e concluído em 1928 — 18 anos de Soledade, com capacidade para 27 milhões de metros cúbicos, foi iniciado em 1912 e concluído em 1933 — 21 anos».



de retirantes, na sua fuga do inferno da seca, marcham sobre as montanhas do interior nordestino. Acima, flagrante da chegada de milhares de flagelados, na cidade de Surubim, no interior de Pernambuco.

## Um Resultado Desapontante

Em recente entrevista ao «Jornal do Comércio», o sr. Humberto Bastos, membro do Conselho Nacional de Economia, declarou que aquele órgão possuía estudos e planos elaborados para o reergimento do nordeste. Acrescentou, porém, o conselheiro, que a tristeza que se verifica que na realidade não foi cumprido. A razão porque as secas se transformam em tragédia. A seca não vem despertar a consciência nacional para a necessidade de um esforço coletivo, a começar do governo, para revalorizar o nordeste, transformando sua estrutura econômica em um fim às suas perdas de recursos humanos e materiais, que se prolongam todos os anos e que agravam na época das secas.

Incluindo os açudes construídos em regime de cooperação, a quantidade total de água represada é de 3.440.000.000 de metros cúbicos. Mas, eis o que diz o conselheiro José Augusto: «Se todo este considerável volume de água estivesse contido em reservatórios judiciosamente selecionados e racionalmente construídos, o que não se verifica, permitiria irrigar mais de 100.000 hectares, cujo aproveitamento maior teria criado riquezas de valor considerável. Todavia, a área atualmente irrigada não excede de 8 mil hectares, dos quais 5.000 beneficiados com as obras de represamento diretamente administradas pelo DNOCS. Verbas avultadas foram destinadas à execução das obras e esforços foram despendidos em diversas fases, para um resultado decepcionante».

Será o governo federal incapaz de dotar o nordeste de açudes suficientes? Está claro que não. Basta que esse problema seja compreendido no mesmo nível com que chegou a ser compreendido o problema do petróleo e se desencadeie, em prol do nordeste, a mesma energia organizadora de sentido nacionalista que construiu a Petrobrás.

Formar Áreas de Pequena Propriedade Seria, porém, demasiado simplismo tomar a construção de açudes, em si mesma, por fórmula salvadora do nordeste. Mesmo do ponto de vista estritamente técnico, não bastam os açudes para debelar o mal das secas. E do ponto de vista econômico, a pura e simples construção de açudes é de todo insuficiente. De nada adianta construir açudes, que vão irrigar, como até agora, latifúndios pouco produtivos. A água tem servido, frequentemente, pa-

ra o plantio de canaviais, destinados à indústria da cachaça.

Um critério completamente oposto deve orientar a aplicação do dinheiro de povo brasileiro pelo governo federal na construção dos açudes de que necessita o nordeste. Tal critério implica na desapropriação das terras a serem irrigadas para a distribuição em lotes, vendidos ou arrendados, a serem cultivados por pequenos agricultores. Assim, em substituição aos latifúndios improdutivos, se formariam no nordeste áreas de uma agricultura próspera, baseada na pequena e na média exploração.

Neste sentido, pronunciaram-se os srs. Leite Neto, deputado pedesista serritano, e Humberto Bastos. O primeiro, entre as medidas que propõe para solução da questão nordestina, inclui a seguinte: «Desapropriação das terras destinadas à construção dos açudes, inclusive na área circunvizinha, a fim de facilitar as obras de irrigação e distribuição de pequenos lotes de terra a compones da região».

## Mais do Que Água

Mais do que água, os camponeses do nordeste precisam de terra. Privados dela ou explorando-a em parcelas diminutas, com instrumentos mais do que rudimentares, abandonados à sanha dos usurários, ou entregando a maior parte do seu produto aos fazendeiros, através de regimes de arrendamento tipicamente feudais, milhões de camponeses nordestinos se vêem numa situação de dolorosa inércia, quando periodicamente se abate sobre eles a seca. O resultado é inevitável: centenas de milhares de flagelados, que abandonam o nordeste em direção à Amazônia ou ao sul.

A seca apenas agrava a miséria permanente, tornando-a insuportável. Vivendo numa economia de relativa abundância, que se baseia na posse da terra, os camponeses nordestinos não temem por que temer as secas. Continuariam com reservas suficientes para atravessar a fome e reduzir a proporção dos prejuízos.

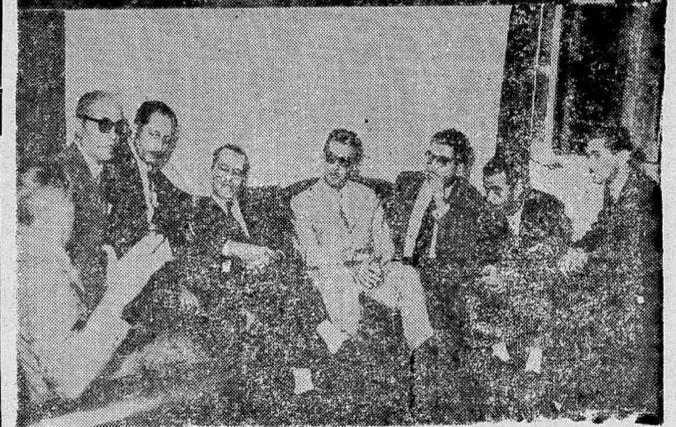
## Mercado Para a Industrialização

Além disso, a prosperidade desta massa camponesa fixada ao solo ampliará consideravelmente o mercado interno, e este é o principal estímulo de que carece qualquer obra de industrialização do nordeste.

Apesar de toda a importância que pode ter a construção de uma hidrelétrica, como a de Paulo Afonso, ela não poderá representar nenhum impulso sério para a industrialização da área a que serve (em bases nacionais e não imperialistas), se não se formar no nordeste um mercado, que estimule a intensa aplicação de capitais. E o que há está demonstrando a própria existência prática a ós a construção daquela hidrelétrica.

## Quando a Solução é Demasiado Evidente

A desapropriação de latifúndios e distribuição das terras chega hoje a ser defendida por um formalismo «O Estado de São Paulo». Em sua edição de 10 de maio último, publica a seguinte reportagem correspondência de Fortaleza, que afirma o seguinte: «A questão nordestina não é de ordem climática. A solução está essencialmente em dividir os latifúndios imensos, em acabar com o monopólio das terras, em parcelar os grandes imóveis privados ou devolutos — sejam neoliberais — extrativos ou agrícolas — tanto no sertão, como nas zonas úmidas dos vales e serras, no litoral ou em torno dos açu-



Três importantes visitas realizou, na tarde de quarta-feira última, em Niterói, o sr. Carlos Prestes. O líder popular esteve na Assembleia Legislativa, onde foi recebido pelo Presidente da Casa, deputado Togo de Barros, em seu gabinete, mantendo com o mesmo e com numerosos deputados litorâneos, animada palestra sobre problemas do Estado do Rio. Em seguida Prestes se dirigiu para o Palácio da Inga, onde foi recebido pelo governador Miguel Couto Filho, que se achava acompanhado de alguns dos seus Secretários. Nessa ocasião foram abordadas, por Prestes, questões como: ensino, saúde, reforma agrária e energia elétrica. Finalmente, Prestes visitou a Câmara de Niterói para agradecer àquela Casa de representantes do povo as manifestações em prol de sua liberdade. O grande líder popular foi recebido por uma comissão de vereadores, especialmente designada e logo introduzido no plenário, onde foi saudado pelo vereador Afonso Celso. No gabinete do Presidente, Prestes manteve ainda palestra com vereadores, sobre vários problemas da cidade. Na sequência fotográfica acima, vemos, de cima para baixo, Prestes com o governador Miguel Couto Filho; Prestes em palestra com o Presidente da Assembleia Legislativa e o líder do governo, deputado Adolfo Oliveira; e Prestes em palestra com vereadores na Câmara Municipal de Niterói.

des que o governo construiu para pela dízia usufruir as suas vantagens... Esta orientação visa fortalecer e consolidar a pequena e a média propriedade, tornando ao mesmo tempo socialmente útil o benefício das barragens e das demais técnicas de incremento agrícola, fixando-se nas matrizes camponesas os lavadores que emigram por nada fazer a fazer dentro de uma ordem de coisas reclusora de braços e capitais malbaratadora dos recursos do solo e da água.

## Um Desafio Que Deve Ser Aceito

Colocar o problema do nordeste na ordem-do-dia é um dever nacionalista. Não só para alcançar medidas de emergência no momento de uma seca, ainda que tais medidas sejam imediatas e locais, como para se deve reclamá-las do governo federal. O mais importante, porém, é concentrar energias na elaboração e execução de um plano nacionalista que vise o progresso permanente do nordeste. O governo udenista da Paraíba, sr. Pedro Gondim, ao pedir o auxílio do embaixador dos Estados Unidos, não só rebaixou a sua dignidade de brasileiro como lançou um verdadeiro desafio ao movimento nacionalista. É um desafio que deve ser aceito.

# PROBLEMAS de NOSSA POLITICA

## O DESENVOLVIMENTO PROGRESSISTA DA ECONOMIA NACIONAL

O Brasil é, reconhecidamente, um país de enormes recursos materiais e humanos: dispõe de um território que mede 8,5 milhões de quilômetros quadrados e de uma população de aproximadamente 68 milhões de habitantes; é quarto país do mundo em área territorial contínua e ocupa o oitavo lugar entre as nações de maiores efetivos demográficos. Raros são os países que nos superam em potencial energético; nossas reservas de energia hidráulica aproximam-se de vinte milhões de cavalos-vapor; nossas jazidas petrolíferas e nossos depósitos de minérios atômicos são incalculáveis. Atingem imensas proporções nossas reservas de minérios de ferro, de manganes e de toda a variedade de minerais metálicos.

Existem portanto no Brasil os elementos primários indispensáveis para que se transforme, com a plena utilização de seus recursos, num dos mais ricos e poderosos países do mundo e para que o povo brasileiro, usufruindo da abundância de suas riquezas, eleve ao mais alto nível seu padrão de vida e sua cultura material e espiritual.

O desenvolvimento material da sociedade brasileira, que se processava lentamente até fins do século passado, adquiriu mais forte impulso no início do presente século e entrou em fase acelerada no curso dos três últimos decênios.

Entre 1920 e 1957 a população brasileira duplicou, elevando-se de 30,6 milhões a 61,5 milhões de habitantes. Verificou-se forte expansão da economia industrial: o proletariado das fábricas aumentou de 275.000, em 1920, a cerca de 2 milhões, em 1957, e o número de estabelecimentos industriais elevou-se de 12 mil a quase 100 mil. Fortaleceu-se, notadamente depois de 1939, a estrutura da indústria, com o incremento da produção básica (energia elétrica, aço, cimento, produtos químicos, material elétrico, petróleo, etc.). De 1939 a 1956, a produção de meios de produção melhorou seu peso específico no parque industrial, elevando-se sua participação de 20 a 33%. Acompanhando o crescimento do mercado interno, o volume do comércio de cabotagem alcançou 5,4 milhões de toneladas em 1955, quintuplicando em relação a 1921 e duplicando em relação a 1937. Os transportes aéreos registraram enormes progressos, aumentando o tráfego de passageiros de 63 mil, em 1938, a 3,5 milhões em 1956. Os transportes ferroviários cresceram de 15,9 milhões de toneladas, em 1921, a 39 milhões de toneladas de mercadorias, em 1955. Entre 1920 e 1950, a área das explorações agrícolas elevou-se de 175 milhões de hectares a 232 milhões de hectares; e o número de estabelecimentos agropecuários aumentou de 648 mil a 2.064 mil; a área cultivada cresceu de 6 para 19 milhões de hectares, a quantidade de máquinas e instrumentos agrários aumentou de cerca de cinco vezes, o número de bovinos elevou-se de 34 milhões a 47 milhões de cabeças e a produção agrícola cresceu em geral numa proporção superior ao incremento da população. E como reflexo de toda essa situação, a renda nacional, em termos reais, cresceu mais de duas vezes e a renda "per capita", cerca de 1,5 vezes, no período compreendido pelos anos de 1940 a 1955.

Não foram menos importantes os avanços realizados

no plano cultural e político. Entre 1920 e 1957, a taxa de analfabetismo reduziu-se à metade, aumentando inversamente a taxa de alfabetização, de 24,5% para pouco mais de 50%. De 1932 a 1954, o número de unidades escolares cresceu de 77 mil, triplicando aproximadamente o número de alunos e o de professores. A proporção da escolaridade a mais do dobro; de uma escola para 1.300 habitantes, passou a 1 escola para menos de 600 habitantes. E, em consequência desse ascenso cultural, ampliou-se consideravelmente a participação do povo na vida política nacional. Prova disso o rápido crescimento do eleitorado brasileiro que, em pouco mais de vinte anos, aumentou de 10 vezes, passando de 1,5 milhões em 1933, a 15,1 milhões de eleitores em 1955.

Todas essas cifras destroem definitivamente as ridículas "teorias" colonialistas acerca da "inferioridade" do clima, da "inferioridade" da terra ou da "inferioridade" do homem do Brasil como obstáculos naturais ao progresso do país.

Entretanto, com todo esse impetuoso desenvolvimento, o Brasil ainda não conseguiu libertar-se dos entraves seculares que continuam a impedir a utilização em muito mais amplas proporções dos imensos recursos materiais e humanos existentes. As transformações econômicas e sociais realizadas possibilitaram ao nosso país e ao nosso povo um grande avanço no sentido do progresso econômico, cultural e político, mas não foram ainda suficientes para varrer os restos pré-capitalistas, medievais e semi-feudais, e para libertar a nação da dependência do imperialismo estrangeiro.

O padrão de vida do povo brasileiro continua a ser um dos mais baixos do mundo, permanecendo insignificantes nossas quotas de consumo por habitante, de alimentos, de roupas, de calçados, etc. Ca-

da habitante do Brasil consome apenas 2.350 calorias por dia, quando nos países adiantados o consumo médio vai de 3.000 a 3.500; cada brasileiro consome por ano, em média, 28 quilos de carne, quando nos países adiantados a quota varia de 50 a

100 quilos. O consumo "per capita" de energia é de apenas 360 quilos-carvão no Brasil, contra o consumo de 3 a 8 toneladas nos países adiantados. O consumo de aço bruto no Brasil é de 25 quilos "per capita" e dos países adiantados de 200 a 600 quil-

os. A vida média no Brasil é de 43,7 anos e nos países adiantados já se eleva de 60 a quase 70 anos.

Estamos classificados na categoria dos países subdesenvolvidos, de renda nacional "per capita" inferior a 300 dólares (em 1955 a ren-

da nacional "per capita" é de 11 mil cruzados ou menos de 200 dólares).

De todos estes dados, concluímos, em primeiro lugar, que o Brasil não é um país em estado de estagnação ou de "atraso progressivo". Muito ao contrário, a economia nacional acelerou o seu desenvolvimento progressivo nos últimos vinte anos. Mas, em segundo lugar, este desenvolvimento progressista ainda não conseguiu eliminar os entraves fundamentais que se lhe antepõem: a exploração imperialista norte-americana e o monopólio da terra. Eliminar estes entraves é o objetivo da revolução brasileira, na sua etapa ant imperialista e ant feudal nacional e democrática.

# Paz, Independência e Neutralidade

## PROCLAMAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA DE ISRAEL POR MOTIVO DO DÉCIMO ANIVERSÁRIO DO ESTADO DE ISRAEL

Comemoramos os israelitas de todo o mundo o X aniversário da criação do Estado de Israel. A efeméride também é festejada por todos aqueles que reconhecem ao povo israelita o direito de construir uma pátria independente, de acordo com o princípio da autodeterminação nacional. Nestes 10 anos, o povo de Israel realizou, com o seu sacrifício e a sua capacidade de trabalho uma obra construtiva digna de admiração.

Infelizmente, porém, as comemorações do X aniversário do Estado de Israel não podem deixar de serem empanadas pelo fato de que a frente de seus destinos se encontra contra um governo chauvinista, instrumento dos círculos mais agressivos das potências imperialistas.

A respeito da data, o Comitê Central do Partido Comunista de Israel aprovou, em sua reunião plenária de fevereiro último, uma resolução, da qual reproduzimos, a seguir, os trechos principais.

«O Partido Comunista de Israel, como partido patriótico israelita e do internacionalismo proletário, celebrará o X aniversário do Estado de Israel com várias iniciativas públicas sob a palavra de ordem: Que o X aniversário seja um ano de mudança na política de Israel para uma política de paz, independência e neutralidade!»

«Os grupos dirigentes de Israel, que desde a sua criação desrespeitam os desejos do povo à independência, soberania nacional e progresso

social, desperdiçaram uma oportunidade histórica e abandonaram Israel às mãos dos imperialistas americanos.

«Os grupos dirigentes de Israel malbarataram a ampla simpatia que a opinião pública do mundo tinha para com o Estado de Israel no momento de sua criação. Dez anos depois, o Estado de Israel se encontra mais isolado do que em qualquer época, enquanto os seus dirigentes o colocam, política e militarmente, a serviço das forças imperialistas mais agressivas e escravizadoras.

«A guerra de agressão contra o Egito agravou a situação até o extremo e desperdiçou a indignação geral na opinião pública mundial contra os círculos dirigentes de Israel, que realizam um jogo criminoso com a sorte do povo de Israel e do Estado de Israel. A política dos círculos de Ben Gurion reduziu as perspectivas de uma paz árabe-israelita e deteriorou malevolamente as relações com a URSS.

«No Estado de Israel o governo manteve, durante estes 10 anos, um cruel regime militar nas áreas árabes, onde a população árabe é enclausurada em ghettos, onde a liberdade de movimento e de escolha de moradia lhes é negada em sua pátria, onde a terra dos «fellahs» árabes é roubada e os trabalhadores árabes são expulsos de seus locais de trabalho porque são árabes.

«Como resultado da dependência e da escravização ao capital estrangeiro, como resultado da política de militarização e de guerra, esta foi

uma década de contínuo abaixamento do padrão de vida dos trabalhadores e das massas, uma década em que o crescimento da produção não se manteve ao nível do crescimento da população, em que os impostos foram insuportavelmente pesados, os preços se elevaram vertiginosamente e estendeu-se a praga do desemprego.

«Por isso, depois de 10 anos de existência, o Estado de Israel ainda não se consolidou firmemente, e a política de pacto com os imperialistas e os incendiários de guerra contra os povos árabes ameaça todo o futuro do Estado de Israel.

«Em vista disso, nosso Partido, movido por uma preocupação patriótica pela sor-

te do povo e da pátria, apresenta como palavra-de-ordem central para assinalar o 10º aniversário do nascimento do Estado:

— Por uma mudança na política de Israel! Por uma política de neutralidade, independência e paz! Por uma política de solidariedade com os povos da Ásia e da África! Por uma política de melhoramento das relações com a União Soviética! Por uma política de reconhecimento dos direitos nacionais e garantia da abolição completa do regime militar — a despeito do Estado de Israel! Por uma política de solidariedade para com os trabalhadores e de ampliação das liberdades democráticas do povo»

## A União Soviética Instala Instituto Tecnológico Para a Birmânia

Em solenidade realizada a 21 de abril último, o presidente da Birmânia enalteceu a cooperação prestada ao país pela União Soviética, com a construção e instalação do Instituto Tecnológico de Gyogon. Falando na mesma ocasião, o primeiro ministro U Nu disse que si a Birmânia dispuser de um maior número de técnicos que no presente, fará rápidos progressos nos próximos cinco ou dez anos.

A construção e equipamento do Instituto estarão terminados em 1960. Cerca de 1.000 estudantes poderão

se especializar no mesmo. O embaixador soviético Shiorine declarou que o instituto "é um bom exemplo da assistência desinteressada dada pela União Soviética, cujas relações com todos os outros países são baseadas na igualdade, benefício mútuo e não ingerência nos assuntos internos". A assistência técnica é assim dada sem impor quaisquer condições.

A construção do Instituto faz parte do acordo firmado em 1956 pelo primeiro ministro U Nu e o vice-primeiro ministro Mikolan.

## Declaração Final da Conferência de Accra

Encerrou-se festivamente, a 22 de abril, a Conferência dos Estados Africanos Independentes, realizada em Accra, capital de Ghana. A declaração final, subscrita pelas delegações governamentais dos oito países africanos que já alcançaram a independência política — República Árabe Unida, República do Sudão, Ghana, Etiópia, Líbia, Marrocos, Tunísia e Libéria — constitui expressivo testemunho da unidade a que chegaram superando as divergências anteriores. Transcrevemos a seguir, na íntegra, o texto da declaração que marca o início de uma nova e mais elevada etapa na luta dos povos africanos por sua independência nacional:

«Nós, os Estados Africanos reunidos em Accra, nesta nossa primeira Conferência, conscientes de nossas responsabilidades perante a humanidade, e especialmente perante os povos da África, desejosos de afirmar nossa personalidade africana ao lado da Paz, proclamamos e

reafirmamos solenemente nossa fidelidade à Carta das Nações Unidas, à Declaração Universal dos Direitos do Homem, e à declaração da Conferência Afro-Asiática realizada em Bandung.

«Afirmamos além disso, e proclamamos, a unidade entre nós próprios, e nossa solidariedade com os povos dependentes da África, assim como nossa amizade a todas as nações. Resolvemos preservar a unidade de objetivos e de ação nas questões internacionais, que forjamos entre nós durante esta histórica Conferência, e salvaguardar nossa independência, soberania e integridade territorial. Resolvemos preservar entre nós próprios a fundamental unidade de vistas no domínio da políti-

ca externa, de modo que uma personalidade africana definida desempenhe seu papel na cooperação com as demais nações amantes da paz, na defesa da causa da paz.

«Comprometemo-nos a emprender todos os esforços a fim de evitar que seja cometida qualquer ação que possa envolver nossos países em detrimento de nosso interesse e liberdade; a reconhecer o direito dos povos africanos à sua independência e auto-determinação e a tomar os passos aconselháveis para apressar a realização desse direito para afirmar o direito do povo da Argélia à independência e à auto-determinação; a extrair para sempre o crime da discriminação racial em to-

das as suas formas, onde quer que se apresente; a persuadir as grandes potências a cessarem a produção e as experiências de armas nucleares, e a reduzir os armamentos clássicos.

«Além disso, conscientes da necessidade urgente de elevar o padrão de vida de nossos povos, desenvolvendo ao máximo os grandes e variados recursos de nossos territórios, comprometemo-nos a coordenar nossos planejamentos econômicos num esforço conjunto para estudar as potencialidades econômicas e problemas correlatos em nossos respectivos países; a promover um planejamento industrial coordenado tanto por nossos esforços individuais como por meio da cooperação

com as agências especializadas da ONU; a tomar medidas para intensificar o comércio entre nossos países e para melhorar as comunicações entre os mesmos e encorajar o investimento de capitais e da técnica estrangeira, desde que os mesmos não comprometam a independência, soberania e integridade territorial de nossas pátrias.

«Desejosos de mobilizar os recursos humanos de nossos países para promover nossas aspirações culturais e sociais, comprometemo-nos a facilitar o intercâmbio de professores, estudantes, exposições materiais e educacionais, culturais e científicas, festivais de jovens e torneios esportivos, que possam me-

lhorar as relações culturais entre os países africanos e aumentar o conhecimento recíproco; a encorajar e reforçar os estudos sobre a cultura, a história e a geografia da África nas instituições de ensino de nossos países; a tomar todas as medidas para que tais estudos em nossos respectivos países, sejam corretamente orientados

«Encarregamos nossos representantes permanentes na ONU de se constituírem em organismo permanente de coordenação de todas as questões comuns que interessam a nossos países, a fim de que as examinemos e façamos recomendações sobre passos concretos para a efetivação de nossas decisões e para a preparação das bases de nossas conferências futuras.

«Fiéis às obrigações e responsabilidades que a história nos conferiu, como vanguarda da completa emancipação da África, afirmamos aqui nesta declaração, os princípios que adotamos.

# LENINISMO — BANDEIRA TRIUNFANTE DO COMUNISMO

P. N. POSPELOV

N. B. — Reproduzimos, a seguir, o trecho final do discurso pronunciado pelo camarada Pospelov na sessão solene, por motivo do aniversário do nascimento de Lênin, realizada a 21 de abril passado em Moscou.

A unidade, a solidariedade e a ajuda mútua fraternal entre os países socialistas e todo o movimento internacional comunista e operário, a fidelidade ao leninismo, a fidelidade aos princípios do internacionalismo proletário são a garantia da invencibilidade da causa do socialismo, da causa da paz.

Com a formação do sistema socialista, os princípios do internacionalismo proletário se tornaram a base da política estatal nas relações mútuas entre os países socialistas, base do novo tipo de relações internacionais.

Nos trabalhos de V. I. Lênin, encontramos diretrizes gerais que definem, quanto aos princípios, a linha de desenvolvimento das relações mútuas entre os países que tomam o caminho socialista. Lênin escreve:

“Sem a aspiração voluntária à unidade e à aliança por parte do proletariado e depois por parte de todas as massas trabalhadoras de todos os países e nações de todo o mundo, a causa da vitória definitiva sobre o capitalismo não poderá ser levada a cabo.” (Obras, t. 31, p. 128).

A comunidade dos países socialistas é uma aliança voluntária entre povos livres e iguais em direitos que conscientemente juntam suas forças para construir o socialismo e para defenderem seus feitos contra os atentados dos imperialistas.

A experiência histórica tem confirmado plenamente a necessidade vital da existência e do fortalecimento desse tipo de comunidade entre os países socialistas representados pelo campo socialista. Hoje já existe o mercado mundial socialista que se desenvolve com base em leis inteiramente diferentes daquelas que imperam no mercado mundial do capitalismo. Ampliam-se e se aprofundam sem cessar a cooperação e a ajuda mútua econômica multilateral e a troca de experiências científicas e técnicas entre os países do socialismo.

O objetivo principal da cooperação entre os países socialistas é o de se ajudarem reciprocamente na construção do socialismo, é o desejo de se ajudarem uns aos outros e conseguirem um progresso econômico geral tanto no interesse de cada país socialista de per si, como no interesse de todo o campo socialista em seu conjunto. A comunidade de estrutura econômica e política dos países socialistas e a ausência de contradições antagônicas entre eles permitem-lhes estabelecer entre si a mais estreita cooperação política, econômica e cultural em prol da paz e do socialismo.

Durante os anos de existência do sistema socialista mundial já se acumulou apreciável experiência de cooperação ampla entre os países socialistas. Generalizando teoricamente a gigantesca experiência prática de luta pela causa do socialismo e da paz, os partidos comunistas e operários dos países socialistas prestam, em sua Declaração, contribuição coletiva ao desenvolvimento criador do marxismo-leninismo, e fazem profunda análise da situação internacional e das perspectivas do socialismo e do capitalismo.

Reveste-se de grande importância a tese formulada na Declaração a respeito das principais leis que regem a revolução socialista e a construção do socialismo, leis inerentes a todos os países que tomam o caminho do socialismo, e a respeito da necessidade de empregar com acerto os princípios básicos do comunismo de acordo com as condições históricas e as particularidades nacionais de cada país.

A Declaração condena o revisionismo como o perigo principal nas condições atuais, e também o dogmatismo e o sectarismo que enfraquecem a ligação entre os partidos e as massas. Por suas concepções ideológicas, os revisionistas de hoje não vão muito além tanto dos velhos reformistas do tipo de Bernstein como dos oportunistas da II Internacional do tipo de Kautski e sequazes. As mesmas idéias: dissimular as contradições de classe entre o proletariado e a burguesia, fugir à luta de classes; embelezar o capitalismo; adaptar-se ao regime capitalista; ilusões sobre a possibilidade de o capitalismo «evoluir» para o socialismo — tudo isso constitui, com variantes e modificações insignificantes, a bagagem teórica dos revisionistas contemporâneos.

Os princípios ideológicos expostos na Declaração emitida pela Conferência entre representantes dos partidos comunistas e operários dos países socialistas, aprovados por todos os partidos irmãos, constituem a base para uma maior consolidação do movimento comunista internacional e para reforçar a unidade entre todos os países socialistas.

Nas conferências em Moscou os partidos comunistas demonstraram sua fidelidade ao marxismo-leninismo, aos princípios do internacionalismo proletário, a decisão de utilizar plenamente, em prol da paz e do socialismo, todas as possibilidades oferecidas na atual situação internacional. Os documentos coletivamente elaborados nas conferências, numa situação de perfeita unidade, ajudam todos os partidos comunistas e operários a reunir ainda mais estreitamente em torno de si as amplas massas de trabalhadores, a revigorar a solidariedade internacional da classe operária e a conquistar novas vitórias na luta pela paz, a democracia e o socialismo.

Recentemente foi publicado e discutido em Belgrado o projeto de programa da Liga dos Comunistas da Iugoslávia, projeto distribuído aos partidos irmãos.

Nesse projeto há várias teses marxistas-leninistas gerais e algumas generalizações justas. Há, porém, no projeto de programa, — particularmente nos capítulos dedicados à situação internacional e ao movimento comunista e operário mundial, e a algumas questões ideológicas de princípio, — certa tendência a contrapor a posição particular assumida pela Liga dos Comunistas da Iugoslávia à opinião única, marxista-leninista, de todos os demais partidos comunistas e operários. Como sabemos, essa opinião acha-se expressa nos documentos emitidos pelo fórum internacional mais representativo e autorizado — a Declaração e o Manifesto da Paz. Esses documentos são apoiados não só por todos os partidos marxistas como também pela maioria dos trabalhadores de todo o mundo. No Projeto de Programa da Liga dos Comunistas da Iugoslávia, há várias teses fundamentais contra-

rias à Declaração e ao Manifesto da Paz, ao mesmo tempo em que se fazem tentativas de ocupar posição neutra em problemas em que não pode haver neutralidade para um marxista.

O Projeto de Programa da Liga dos Comunistas da Iugoslávia se apresenta, objetivamente, como documento que se orienta em essência no sentido de enfraquecer a unidade entre os partidos comunistas e operários, de enfraquecer a unidade entre os países socialistas. Não é por acaso que a imprensa burguesa começou a elogiar o documento logo que foi publicado. Esperamos que antes de aprovar o texto definitivo do programa o VII Congresso da União dos Comunistas da Iugoslávia introduzirá nele os melhoramentos necessários.

A condição decisiva para os países socialistas se tornarem mais coesos é a realização consequente dos princípios do internacionalismo proletário, da igualdade de direitos e da ajuda mútua fraternal. Apesar da tagarelice jactanciosa dos dirigentes do imperialismo americano, — teriam conseguido provocar uma «crise do comunismo», — hoje mais do que em qualquer época é forte a unidade entre os partidos comunistas e operários. Os partidos comunistas e operários mantêm bem elevada e continuam a assim manter a invencível bandeira leninista do internacionalismo proletário!

O LENINISMO, BANDEIRA DE LUTA PELO COMUNISMO E POR UM FUTURO LUMINOSO PARA A HUMANIDADE

Lênin ensina que «o socialismo deve inevitavelmente transformar-se em comunismo». Lênin ressalta por mais de uma vez que se trata da transformação gradual da sociedade socialista, plenamente consolidada e desenvolvida, na fase superior do comunismo em que o princípio básico da sociedade será — «De cada um segundo sua capacidade, a cada qual de acordo com suas necessidades».

Orientando-se pela doutrina de Lênin, nosso Partido dirige os esforços dos povos da União Soviética para realização das mais excelentes e elevadas idéias da humanidade — as idéias do comunismo. Lênin elaborou os planos de construção do comunismo e definiu suas principais tendências. Lênin ressaltou a grande importância da industrialização para a vitória do comunismo, inclusive a eletrificação de todo o país; Lênin elaborou o plano cooperativo de criação de uma grande agricultura coletiva e mecanizada; Lênin formulou o lema da revolução cultural; Lênin repetidamente sublinhou que o comunismo, — regime social superior, — vencerá à base de uma elevada produtividade do trabalho, do domínio de uma técnica de vanguarda, da educação, da disciplina consciente no trabalho, e da integração dos trabalhadores na direção da produção. Lênin assinalou que sem a experiência prática não se pode falar de antemão a respeito das etapas e dos caminhos concretos que a humanidade percorrerá em sua marcha para o comunismo. Lênin afirmou que para o socialismo desenvolver e para avançar com êxito no sentido do comunismo é necessário apoiar sempre a iniciativa criadora das massas, estudar e generalizar a experiência prática no centro e nos locais, e melhorar continuamente a direção exercida sobre a economia. Já em dezembro de 1917, no artigo “Como Organizar a Emulação?” Lênin escreve: «... Sobreveio justamente aquele momento histórico em que a teoria se transforma em prática, é vivificada pela prática, é corrigida pela prática, é posta à prova pela prática, quando em particular são justas as palavras de Marx: «todo o passo do movimento prático é mais importante do que uma dúzia de programas...» (Obras, t. 26, p. 373-374).

As respostas às questões de como resolver as novas ta-

refas que se apresentam no decurso do desenvolvimento da sociedade soviética, de nossa economia, o Partido Comunista não se encontra em citações isoladas, e sim nos princípios fundamentais da teoria marxista-leninista, na análise e generalização da rica experiência de construção do comunismo. Resolvendo problemas práticos novos e gigantescos, como o aproveitamento de 36 milhões de hectares de terras virgens e baldias; a reforma na administração da indústria e da construção; ampliação dos direitos e das formas de atividade dos sindicatos; desenvolvimento do regime coletivo e reorganização das EMT, — o Partido consegue desenvolver mais rapidamente as forças produtivas, e logo tempo ainda mais amplo à iniciativa criadora dos trabalhadores e das organizações sociais. Essas medidas têm, ao mesmo tempo, grande importância teórica programática e de princípios.

As históricas decisões do XX Congresso do PCUS, e as resoluções dos plenos subsequentes do CC sobre os problemas da indústria e da agricultura são notáveis modelos de desenvolvimento da teoria marxista-leninista. Nessas decisões encontramos um grandioso programa de construção comunista e de progresso da democracia socialista, ao mesmo tempo em que se indicam os meios concretos de realizar esse programa.

O Partido desfêz e afastou do caminho o grupo anapartidário e fracionista de Malenkov, Kaganovitch, Mikoyev, e de seu aderente Chepilov, grupo contrário à orientação estabelecida pelo XX Congresso e que freava a tomada de importantes decisões relativas aos problemas da agricultura e da indústria, grupo que se desligara da vida, não via os novos processos, opunha-se a importantíssimas medidas aprovadas pelo Partido e que hoje já foram realizadas com êxito. Os novos e grandes êxitos alcançados por nossa indústria, que realizou 104 por cento do plano relativo ao primeiro trimestre, estão ligados à reforma na administração, na planificação e ao trabalho dos conselhos (Soviets) da Economia Nacional. A quantidade de aço fundido em nosso país durante o primeiro trimestre de 1958 já representa, segundo os cálculos de economistas americanos, mais de 70 por cento da quantidade de aço produzida durante o mesmo período nos Estados Unidos. Continua a progredir com segurança nossa agricultura, o que permitiu vender à população no primeiro trimestre de 1958 mais do que no primeiro trimestre de 1957: carne, 11 por cento; gordura animal, 16 por cento; leite e produtos de leite integral, 24 por cento.

Sob a direção do Partido, o povo soviético com energia particular tem realizado nos últimos anos um movimento real e efetivo para o comunismo. Descubrem-se concretamente novas e novas reservas para acelerar o movimento no sentido do comunismo. Uma dessas reservas — importante meio de se resolver em definitivo o problema dos cereais, — foi o aproveitamento em prazo curto das terras virgens e de baldias, o que penetrou para sempre na história como grande feito do povo soviético, da gloriosa juventude soviética. Apoiado pelo Partido, desenvolveu-se nos colcoses grande movimento para não só alcançar como ultrapassar os Estados Unidos quanto à produção per capita dos principais gêneros alimentícios: leite, carne e manteiga. O Partido e o Governo aprovaram um programa grandioso para construção de residências durante 10 a 12 anos. Esse prazo, porém, será sem dúvida reduzido graças ao uso de novos métodos industriais de construção com concreto misto. Dentro em pouco será aprovado um programa não menos importante para o desenvolvimento rápido da indústria química.

Assim é que passo a passo o Partido e o Governo formulam e resolvem importantes problemas relativos ao desenvolvimento da economia nacional e, sobretudo, de sua parte (CONCLUI NA 1ª PAG)

## VOLUNTÁRIOS CHINESES RETIRAM-SE DA COREIA



Cumprindo decisão do seu governo, os voluntários chineses iniciaram a sua retirada da República Democrática da Coreia. Ao estiverem durante vários anos, tendo derramado o seu sangue para defender a Coreia socialista da agressão imperialista norte-americana. Na guerra e na paz, forjaram invencível amizade com o povo coreano. No clichê, à esquerda, a primeira unidade dos voluntários chineses, no momento em que iniciava a sua marcha de regresso, aclamada pela massa; à direita, uma unidade de tanques, salve pelo seu heroísmo, quando atravessava o rio Yalu (Foto da Agência HSIHUA).

# Cinco Mil Colonos em Luta Por Suas Terras

ALEMQUER, no Estado do Pará, pequena cidade burguesa, escondida nas dobras de grandes latifundiários. Sem estradas, sem campo de aviação, sem carro, sem luz, sem escolas e sem transporte, com uma população de quase cinquenta mil habitantes, a cidade não possui um médico sequer, apesar de ter um posto do SESP, que serve mais para moradia de ratos e morcegos. Como já disse anteriormente, Alemquer, é a terra dos grandes latifundiários. Sómente o dr. Loris Olímpio de Araújo, abastado fazendeiro que vive nababesamente na capital do Estado, é dono da fazenda Carapintuba, cuja área é muito maior do que Portugal. O dr. Loris Olímpio, enriqueceu à custa dos pobres caboclos do interior, por ele miserávelmente explorados. O pior, é que ele não cultivava um só palmo de terra e não deixava humilde caboclo necessitado, plantar um pé de milho ou tirar um pau de lenha nas terras que o Governador lhe deu de mãos beijadas. Uma grossa mercadoria, quando o estado dr. Loris era Secretário do Interior e Justiça do governo Zacarias de Assunção. Agora mesmo, o dr. Loris mantém violentamente em



comandita com o Juiz de Direito desta Comarca, quarenta e seis (46) pobres lavradores do lugar «Ponta de Amari» — spossando-se criminosamente dos roçados já prontos desses indefesos caboclos e mandando ainda,

metê-los no xadrez... A Fazenda Carapintuba é quase um quarto da superfície do Município de Alemquer. As outras terras boas para lavoura, são propriedade (conseguidas sabe lá Deus como), dos italianos Francisco Antônio Mello e Antônio Valinoto, dois usuários, agricultores profissionais.

Chico Mello, apesar de possuir a maior fortuna de Alemquer, (setenta e oito milhões mais ou menos) anda de tamancais e veste uma calça de riscado com os fundilhos à mostra. O usuário A. Valinoto, já está caducando, mas possui um filho que é débil mental, um tipo popular curlesco, que tem a mania de ser oficial do exército e vive prestando os caboclos do interior que são vítimas de suas lezuras. A ponto de mandar prender aqueles que não lhe batem conquinha e nem lhe chamam de «tenente Humberto».

A firma «Moraes & Sawki» é composta de estrangeiros e de um brasileiro entreguista, um bacharel em Direito. Com uma absurda e estúpida demarcação judicial pretende desalojar mais de 300 famílias de humildes colonos, residentes na Colônia dos Morros, neste Município.

A nossa pacata e esquecida cidade, vem observando

## RAIMUNDO DUARTE MOURA (presidente da Câmara Municipal de Alemquer)

com interesse sem par, o sensacional caso dos «Morros», talvez a mais complicada questão de terras do nosso Município. Perto de cinco mil (5.000) colonos residentes nas povoações dos Morros, Val Quem Quer, Escondido, Colônia Nova, Colônia dos Dezol, Bom Socôgo, Limeira, Bolandreira e Maqui, pegaram em armas para embargar os serviços de demarcação que a poderosa firma comercial desta praça, Moraes & Sawki, está mandando fazer, por intermédio de um agrônomo incompetente e trapalhão, de nome Antônio Vieira Dias, protegido do governador do Estado e sócio do chicanista Ubrajara Bente de Souza. Segundo nos declararam se

essa demarcação for realizada irão cair dentro dela, mais de 300 casas de humildes lavradores, alguns deles residindo nessas terras há mais de cinquenta anos, como o nordestino Arcelino Gomes de Tal, de 90 anos de idade, que vive na colônia dos Morros desde o ano de 1903. Essa famosa confusão vem rendendo desde o ano de 1930, quando o Interventor daquela época, General M. Barata, atual governador do nosso Estado, deu ganho de causa aos colonos, defendidos nesse tempo pelo ilustre conterrâneo, dr. Arnaldo Pereira de Moraes, já falecido, e durante dez longos anos foi o

conselheiro amigo e defensor dos colonos. O advogado dos colonos atualmente é o vereador Antônio Aldo Arais, que está mais interessado em fazer política e ganhar dinheiro do que propriamente em defender os interesses sagrados dessa gente honesta e trabalhadora.

Os colonos dos Morros demais lugares, estão decididos a lutar até o último cartucho pelo seu pedacinho de terra, pelas suas casas e pelas suas lavouras.

Como colono que sou, tenho sobre os meus ombros responsabilidade de um cargo que o povo me confiou e urnas e como vereador eleito neste município, levados esses fatos ao conhecimento desse corajoso e sasso-brado órgão da imprensa nacional, que tem a necessária coragem de dizer Verdade, de criticar os erros e desatinos administrativos, bem como de gritar bem alto na cara dos potentados e dos tiranos: Viva Brasil e Viva a Democracia!

## MAIS UM ATENTADO À LIBERDADE DE IMPRENSA

O agente dos Correios de São Lourenço continua a impedir a circulação de VOZ OPERÁRIA nessa cidade mineira, dizendo cumprir ordens superiores. Esse atentado à liberdade de imprensa não pode ficar sem merecer da Diretoria Geral dos Correios e Telégrafos, uma medida urgente e enérgica a fim de coibir tão arbitrário funcionamento nos seus atentados à Constituição.

VOZ OPERÁRIA como jornal com vida legal goza de todas as franquias e não se compreende que um simples funcionário dos Correios se arrogue o direito de apreender o nosso jornal como e quando bem entender. E nem se compreende que o Departamento dos Correios cobre a Franquia Postal a um jornal para, posteriormente, apreender as remessas das quantidades destinadas aos agentes. Isto está acontecendo. É para esse abuso inqualificável que chamamos a atenção do sr. Diretor Geral dos Correios e Telégrafos, confiantes em que S.S. porá termo ao arbítrio de tão curioso funcionário.

## A INDONÉSIA ACUSA OS ESTADOS UNIDOS

O primeiro ministro indonésio Djanda acusou oficialmente os Estados Unidos e o governo de Chiang Kai Shek de estarem não somente fornecendo armas aos rebeldes do movimento dos jovens coroneis, como de estarem fornecendo aos mesmos pilotos para os bombardeiros de que dispõem. A acusação foi feita numa declaração escrita.

As notícias procedentes da Indonésia informam que, exatamente quando o movimento rebelde se acha praticamente debelado, graças à ação firme do governo indonésio e à repulsa das forças democráticas e progressistas do país surgem nos céus de Sumatra alguns bombardeiros a serviço dos jovens coroneis, e pilotos por cidadãos norte-americanos ou por agentes de regime títere de Formosa. Sem qualquer possibilidade de vitória, os rebeldes tentam assim lançar a confusão e o pânico em algumas regiões do país, graças à ajuda que recebem do exterior. O governo indonésio, em seu protesto, denuncia o fato à opinião pública mundial, e exige a cessação da ingerência estrangeira nos assuntos internos do país.

**A EDITORIAL VITÓRIA LTDA. convida todos os seus amigos e leitores a uma visita à sua barraca na «Feira de Livros», instalada na Praça Floriano (Cinelandia).**

**Barraca nº 8, em frente à Câmara Municipal.**

**Desconto de 20% em todos os livros, revistas e gravuras.**

**Aberta nos dias úteis das 9 às 22 horas e nos domingos e feriados, das 16 às 22 horas.**

## CAMPANHA SALARIAL DOS ESTIVADORES

Os estivadores brasileiros vêm há algum tempo articulando um movimento visando obter aumento de salários. Em função disto a Federação Nacional dos Estivadores, a 1º de fevereiro deste ano, fez entrega de um memorial à Comissão de Marinha Mercante, no qual é pleiteado, um aumento salarial de 73% e mais dois cruzeiros por tonelada exportada e importada, a serem pagos pelos armadores, como abono de Natal.

Apesar de decorridos 3 meses da entrega do memorial, a Comissão de Marinha Mercante ainda não se dignou responder ao mesmo, em vista de que, a Federação, a ela se dirigiu dando-lhe um prazo de 8 dias para pronunciar-se. Exgotado este prazo, a Federação reuniu-se para discutir o problema.

De norte a sul do país, os estivadores não podem mais resistir aos salários atuais. Por isso, em todos os Sindicatos de Estivadores, vêm se realizando assembleias para debate, a questão. O Sindicato dos Estivadores de Santos, por exemplo, já havia anteriormente se dirigido à Federação solicitando-lhe que se manifestasse, dando-lhe para tanto, um prazo de 30 dias, a contar do dia 7 de abril, prazo, portanto, recentemente exgotado.

As assembleias realizadas têm hipotecado o seu apoio à Federação, assegurando-lhe a sua disposição de acatar

**VOZ OPERÁRIA**

Diretor-Responsável  
**Mário Alves**

MATRIZ:  
Av. Rio Branco, 257, 17º and., 1/1712 - Tel. 42-7344

ASSINATURAS:

Anual	150,00
Semestral	80,00
Trimestral	50,00
Núm. avulso	3,00
Núm. atrasado	5,00

Aérea ou sob registro, despesas à parte.

## A BATALHA DA DIFUSÃO

Instatamos mais uma vez em chamar a atenção dos agentes do Distrito Federal para a tendência de aumento que se nota na difusão de VOZ OPERÁRIA na Capital. Essa tendência já se vem manifestando desde algumas semanas principalmente entre os agentes tranviários e ritmicos. Ainda na penúltima semana verificou-se uma queda de 25% nas vendas, o que influiu nas finanças do nosso jornal, aumentando-lhe as dificuldades. A situação perdura. Engraçado isso, os nossos agentes na capital paulista conseguiram alcançar e mesmo ultrapassar as quotas dos agentes do Distrito Federal. Se há agentes no interior que deixam ultrapassar os prazos de tolerância em suas relações com a gerência deste semanário, obrigando-nos ao corte das quantidades, a verdade é que dezenas de agências são restabelecidas o que significa aumento da circulação de VOZ OPERÁRIA. Ultimamente registraram-se aumentos na Bahia, Ceará, São Paulo e em outros Estados. Cremos não errar quando dizemos que está faltando nesta Capital um trabalho bem orientado de controle em correspondência com as matérias publicadas neste semanário e de interesse dos leitores do Distrito Federal. Essa possibilidade indiscutivelmente aumentará a difusão de VOZ OPERÁRIA. Foi assim que os agentes de Piratininga ultrapassaram a Capital da República. Por que então não seguir o bom exemplo de São Paulo?

- PAGAMENTOS — de 2 a 14 de maio corrente:** Campanha Grande Cr\$ 400,00; mais Cr\$ 400,00; Curitiba — Cr\$ 500,00; Macaé — Cr\$ 150,00; Itaúna — Cr\$ 50,00; Recife — Cr\$ 1.000,00 e mais Cr\$ 1.000,00; Campo Grande — Cr\$ 1.100,00; Vale do Rio Doce — Cr\$ 220,00; Curitiba — Cr\$ 100,00; São José dos Campos — Cr\$ 650,00; Distribuidora Riachuelo — Cr\$ 10.000,00 e mais Cr\$ 6.600,00; Cambuquira — Cr\$ 200,00; João Pessoa — Cr\$ 3.000,00; Manaus — Cr\$ 640,00; Maringá Cr\$ 1.500,00; Cornélio Procopio — Cr\$ 162,00; Marília — Cr\$ 300,00; Fortaleza (CF) — Cr\$ 1.000,00; Belo Horizonte — Cr\$ 500,00; Diamantina — Cr\$ 230,00; Alequer — Cr\$ 100,00; Curitiba — Cr\$ 200,00; Pompéia — Cr\$ 330,00; Assis — Cr\$ 1.400,00; Salvador — Cr\$ 1820,00; Bauru — Cr\$ 300,00.

**AGÊNCIAS RESTABELECIDAS —** Paranavai, Ponta Grossa (MMF), Cons. Pena, Vitoropanga, São José do Rio Preto, Marília, Cordeiro e Piracicaba.

**REDUÇÃO DE QUANTIDADES —** Cambuquira e Gotulina.

**NOVA AGENCIA —** Vitória da Conquista.

**NOTA IMPORTANTE** — Iniciamos nesta edição um novo método, o qual é publicar a importância recebida do agente, atendendo que desse conhecimento imediato do recebimento e possibilita um controle melhor por parte dos agentes.

Os últimos pagamentos de abril constam das faturas que já foram expedidas. Advertimos aos nossos agentes com atraso de dois meses e mais, que o prazo de tolerância está esgotado e, portanto, devem saldar as suas contas, a fim de evitar a interrupção das remessas.

**AJUDE VOZ OPERÁRIA FAZENDO UMA ASSINATURA!**

## Professores e Alunos, Unidos Pelas Suas Reivindicações



Alunos e professoras de São Paulo (Capital) em empolgante movimento de unidade, realizaram no Teatro Municipal da capital paulista, um ato, sob a palavra-de-ordem de "mais escolas e melhor remuneração para os professores. O clichê acima fixa um aspecto da solenidade. Cerca de duas centenas de professores, representantes de Associações e sindicatos, bem como personalidades, formam a Mesa. Em segundo plano, o Círculo de alunas, dirigido pela professora Rita Pinto

## Intolerável Corte Nos Salários Dos Estivadores ABOLIDA A TAXA DE 35% DE INSALUBRIDADE NA CARGA DE SAL — MOVIMENTAÇÃO DO SINDICATO DE CABO FRIO

Os estivadores de todo o Brasil vêm-se no momento, ante a necessidade de lutar contra uma medida da Divisão de Higiene e Saúde do Ministério do Trabalho, que vem diminuindo consideravelmente o seu salário.

Em 1956, esses trabalhadores alcançaram a conquista de uma taxa de insalubridade para a estiva de sal, constantemente de um acréscimo de 35% sobre os salários. Essa conquista foi consignada no Boletim nº 207 pela Comissão de Marinha Mercante.

Recentemente, a pedido dos patrões, a Divisão de Higiene e Saúde resolveu anular o direito dos estivadores a referida taxa, o que foi anunciado no Boletim nº 240.

A medida afeta principalmente os estivadores das zonas salineiras (Estado do Rio e Rio Grande do Norte), mas atinge aos estivadores de todos os portos, pois o trabalho com sal existe em todos eles.

Em vista disso, o Sindicato dos Estivadores de Cabo Frio, que tem como presidente o estivador Venâncio de Melo, tomou a iniciativa de discutir o problema com os seus associados. Dessa reunião resultou o envio, ao Rio, de uma comissão composta dos associados, Mário Pereira Barreto, vice-presidente do Sindicato e Domingos José Rodrigues, secretário, para tratar do assunto junto à Federação Nacional dos Estivadores.

A Federação não se tomou mediana junto ao Ministério do Trabalho em defesa dos interesses dos trabalhadores que congrega. No entanto, em Cabo Frio, onde o problema é particularmente sentido, os estivadores estão dispostos a não permitir que lhe seja retirado o direito adquirido e prepararam-se para defendê-lo, até com a greve se necessário for.

**GARIBALDI PINHEIRO**

Vítima de um desastre de automóvel, faleceu no dia 5 de abril próximo passado, na cidade Cruzeiro do Oeste, no norte do Paraná, o jornalista Garibaldi Pinheiro. Seu enterroamento teve lugar no dia seguinte, com grande acompanhamento dado ser Garibaldi muito querido pelas suas posições democráticas e nacionalistas. Sua morte causou consternação à toda população.

## LENINISMO — BANDEIRA TRIUNFANTE DO COMUNISMO

Não há dúvida de que o plano de 15 anos para duplicar ou triplicar a produção industrial da URSS será realizado com êxito até mesmo ao nível do desenvolvimento técnico em que hoje nos encontramos. No entanto, não sofre solução de continuidade em nosso país o progresso da ciência e da técnica. Nossos cientistas estão trabalhando para resolver um dos mais importantes problemas: o aproveitamento para fins pacíficos não só da energia atômica como da energia termo-nuclear controlada, o que representaria uma reviravolta sem precedentes na técnica, libertaria grande quantidade de trabalho humano, acelerando consideravelmente a passagem para o comunismo.

A propaganda imperialista dos fomentadores de guerra continua ainda nos dias que correm a atemorizar os povos com o pretensioso perigo do comunismo. Os povos da Europa e da Ásia têm razão quando perguntam aos advogados da guerra: «Em que, propriamente, consiste o perigo do comunismo? Porque é perigoso e para quem é perigoso se os homens viverão com abundância de bens vitais, não conhecerão as necessidades e o desemprego, voluntária e conscientemente trabalharão segundo sua capacidade e receberão segundo suas necessidades?»

Sobrevirá o tempo, — e nosso Partido prevê quando, em muitas centenas de milhares de pessoas dos países capitalistas visitarão nosso país e verão com seus próprios olhos o que é o movimento para o comunismo, em que eles se expressa material e espiritualmente. Verão o elevado nível em que vivem homens alegres, fortes e acaudados da nova sociedade humana; nossos hóspedes compreenderão com maior clareza, então, toda a infâmia e falsidade das afirmações de lordes e de monopolistas americanos sobre a imaginária «crise comunista» e o «perigo comunista». Então a cortina de mentiras e calúnias contra o comunismo, levantada pelos feroces inimigos da humanidade, para sempre e definitivamente cairá por terra!

O grande exemplo dos países socialistas, que se dirigem para o comunismo e de ano a ano elevam o nível de vida de seus povos, com força de atração irresistível exercerá influência sobre os trabalhadores dos países capitalistas. As ideias do socialismo e do comunismo penetrarão ainda mais profundamente na consciência dos trabalhadores dos países capitalistas. A força do exemplo, dado pelos países socialistas despertará os povos dos países do capitalismo para uma luta mais ativa

va pela reorganização da sociedade, e por se libertarem da escravidão capitalista assalariada. Decidirão, porém, por si mesmos. Os países socialistas nunca imporão essa decisão, que será fruto da luta de classes dos trabalhadores dentro dos países capitalistas contra os exploradores, pelo domínio político da classe operária. A história mostrará as formas em que essa luta se desenvolverá.

A razão humana, o gênio do homem elevou-se aos cosmos, às estrelas. E' possível que o homem não encontre em si razão e vontade para acabar, cedo ou tarde, com um regime social que há muito se tornou obsoleto, que contém inmanente a semente constante de crises, guerras, desemprego e que hoje amarga a humanidade com as calamidades maiores de sua história?

Como o previram nossos grandes mestres Marx e Lênin, a humanidade necessariamente chegará através de várias etapas a seu luminoso futuro, ao comunismo. Disso não pode haver dúvida!

Camaradas!

A grande doutrina leninista é o precioso legado que dispõe nosso Partido e o movimento comunista internacional. Orientando-se sempre pela doutrina de Lênin, o Partido leninista conduziu e conduz de maneira firme e segura o povo soviético por caminhos não trilhados do desenvolvimento histórico, abrindo vitoriosamente o caminho para o comunismo. Sob a bandeira de Lênin vivem, lutam e vencem os povos socialistas, dirigidos por seus partidos comunistas e operários.

O do leninismo e o poder da teoria leninista inspiraram grandes e históricos documentos da atualidade: as decisões do XX Congresso do PCUS, a Declaração e o Manifesto da Paz aprovados nas conferências entre os representantes dos partidos comunistas e operários dos países socialistas e de outros países do mundo. Nesses documentos expressamos o saber coletivo e a experiência coletiva dos partidos comunistas e operários, que mantêm como dever sagrado a fidelidade ao marxismo-leninismo.

Viva o grande povo soviético que constrói com sucesso a sociedade socialista!

Viva nosso glorioso Partido Comunista, chefe e organizador da luta pela vitória do comunismo, pela paz em todo o mundo! (Prolongados aplausos).

Vivam os povos e partidos que lutam e vencem sob a bandeira do leninismo!

Viva o leninismo!

**deixa e divulgue VOZ OPERÁRIA**

## CONGRATULAÇÕES A PRESTES

Continuam a chegar à nossa redação, cartas, telegramas, mensagens de congratulações dirigidas a Luiz Carlos Prestes, por motivo da re-

vogação da sua prisão preventiva. Contendo 60 assinaturas de camponeses, agrônomos, comerciantes, industriais, comerciais, jornalistas, profissionais liberais etc, recebemos do município de Cascavel, no Paraná, uma mensagem de saudação e congratulações dirigidas à Luiz Carlos Prestes, por motivo do seu retorno ao convívio de sua família e de seus compatriotas.

## CONFERÊNCIA NACIONALISTA EM BERIGUI



No salão da Rádio Clube de Berigui, no Estado de São Paulo, realizou-se no dia 3 do corrente, uma conferência do Deputado Dagoberto Sales, sob o tema: «A influência do movimento nacionalista na evolução política nacional». O ato foi prestigiado por inúmeras autoridades, entre as quais o sr. Sebastião de Souza Bueno, prefeito de Berigui, dr. Alfredo Albergaria, promotor público daquela municipalidade e Alceu Barrozo de Carvalho, presidente da Frente Nacionalista em Berigui. A conferência foi dividida em duas partes: primeira, exposição das teses pelo conferencista e a segunda, perguntas e respostas. Todo o trabalho decorreu sob grande animação, particularmente a parte dos debates, nos quais participou quase toda a assistência, inclusive o Prefeito do município, ligando o movimento nacionalista aos problemas locais. Na foto, dois aspectos da Conferência. Em cima, a mesa, sendo-se o conferencista ladeado pelos srs. Sebastião de Souza Bueno, Alfredo Albergaria, Alceu de Carvalho e Pedro Antônio. Em baixo, parte da assistência.

# CENTRAL DO BRASIL TRAGÉDIA DO POVO

**QUEM SÃO OS CULPADOS PELAS SUCESSIVAS CATASTROFES? — DEPOIS DE 1950: 1311 VITIMAS, SENDO 411 MORTOS — EM DOIS MESES APENAS, OS DESASTRES DE PACIÊNCIA E MANGUEIRA — FUNCIONARIOS MAL PAGOS E EQUIPAMENTO GASTO E IRRESPONSABILIDADE ADMINISTRATIVA — PARA AUMENTAR O SOFRIMENTO DO POVO, O SR. NEGRÃO DE LIMA AUMENTA OS PREÇOS DAS PASSAGENS DE ONIBUS — AO GOVERNO CABE A RESPONSABILIDADE DE DAR SEGURANÇA AOS QUE VIAJAM NA CENTRAL DO BRASIL**

O DESASTRE ocorrido na Central do Brasil no dia 8 de fevereiro encadeia os anteriores, pelo número de mortos, de feridos, e pelo horror das cenas que foi dado presenciar a todos os que, levados pelo dever profissional ou movidos pelo sentimento humanitário de prestar socorros às vítimas, compareceram ao local do infame acontecimento. O número de mortos, cerca de 130, já é estupefacente, porém, o mais lamentável foram as dolorosas circunstâncias em que a maioria dessas pessoas encontrou a morte. O engavetamento dos dois primeiros carros das composições que se chocaram com membros de passageiros, camagou seres humanos vivos que, espantados de surpresa, longe estavam de pensar na morte trágica que os aguardava. Ao pavoroso espetáculo dos membros despedaçados, das entranhas humanas pendentes dos escombros dos vagões do sangue que corria, acrescentava-se a tragédia dos feridos, especialmente os mutilados, mas com membros arrancados pela própria violência do choque, outros que tiveram partes do corpo amputadas pelos arrastões, no próprio local do desastre, a fim de poderem ser retirados com vida dentre as ferragens retorcidas onde se achavam presos.

A catástrofe repercutiu internacionalmente. O Papa enviou condolências e, até o sr. Adenauer, primeiro-ministro da República Federal Alemã que, seguindo uma política semelhante à do finado Adolf Hitler, não deve nutrir sentimentos muito humanitários, sentiu-se no dever de exprimir o seu pesar.

## TRADIÇÃO MACABRA

A responsabilidade da administração da Central e do próprio governo é tanto maior pelo fato do recente desastre não ser um acontecimento isolado e nem sequer inesperado. Na situação em que se encontra essa via férrea, as catástrofes só são imprevisíveis no sentido de que não se sabe onde ocorrerão em primeiro lugar, e a que momento. E isso não é de hoje, pois, a frequência dos desastres, na Central, de há muito que se tornou uma tradição. Antes o número de vítimas era maior. Mas, com o advento das composições elétricas e o aumento da população, a ferrovia transformou-se num verdadeiro matadouro onde periodicamente é imolada uma parcela da população do Distrito Federal e dos vizinhos municípios do Estado do Rio de Janeiro.

a população suburbana ainda se lembra entre outras, das catástrofes de «Nova Iguaçu» e de Anchieta, em 1951 e 52, nas quais perderam a vida mais de uma centena de pessoas. Ainda está bem vivo na memória de todo o povo brasileiro, o desastre ocorrido em Paciência, apenas há dois meses, causando a morte a dezenas de humildes trabalhadores — 64, precisamente — havendo também grande número de feridos. Somente de 1950 à esta data, incluindo o último desastre, a Central causou 1.311 vítimas, das quais 411 mortos. Assim, a catástrofe de Mangueira foi apenas mais um episódio na sequência de desastres em que a Central vem «aperfeiçoando» téticamente a sua «técnica» de massacrar o povo carioca.

## QUEM SÃO OS CULPADOS?

Invariavelmente, após cada

desastre, lança-se uma nota anunciando a realização de um inquérito para apurar os culpados que, «devem ser punidos». Esses inquéritos, porém, quando não são esquecidos concluem pela culpabilidade de um ou outro funcionário, quase sempre um humilde maquinista morto no desastre, e que, portanto... ter-se-ia punido antecipadamente pelas próprias mãos!...

O desastre de Mangueira, além de superar os anteriores pelas suas proporções, verificou-se quase no coração da cidade. No local compareceram o presidente da República, o prefeito do Distrito Federal e outras personalidades. Viram com os seus próprios olhos, em grau muito maior, aquilo que não quiseram dar-se o incômodo de ir verificar em Paciência. Sentiram, por isso, mais intensamente, a necessidade de dar uma satisfação ao povo. Talvez tenham, mesmo, sentido que a hora de livrar o povo carioca do pesadelo que representa viajar nos trens da Central. Assim, o presidente da República destituiu a direção da ferrovia e nomeou um interventor com plenos poderes para adotar as providências julgadas necessárias.

Quanto à apuração das responsabilidades, porém, estamos assistindo a uma reedição das práticas costumeiras. Os responsáveis seriam, o cabeleiro da estação de Francisco Sá e o maquinista de um dos trens sinistrados. O maquinista está morto. Poderão tripudiar sobre a sua memória, mas não poderão atingi-lo com outra punição. Resta o cabeleiro que, acusado, sentiu-se tolhido na sua defesa, pois, declarou a um vespertino que procurou ouvi-lo... como funcionário da Cen-

tral, não posso criticar a direção da Estrada»...

## OS VERDADEIROS CULPADOS

A identificação dos culpados não é coisa que exija mul-



Assim viajam os passageiros da Central. Absoluta insegurança e constante expectativa do próximo desastre

to trabalho. Não se trata de encontrar os culpados por um determinado desastre, mas sim de apontar os responsáveis por uma situação de calamidade determinante de todas as catástrofes que se vêm sucedendo. Eles já são conhecidos do povo brasileiro, a imprensa da Capital os têm acusado com veemência nos últimos dias.

As razões de se verificarem os desastres podem ser deduzidas, mesmo das tentativas da administração da Central para explicá-los e das declarações de funcionários, procurando defender-se de acusações que lhes são feitas. Não se pode ler as descrições das complicadas formas de funcionamento existentes na linha auxiliar que, à guisa de explicação têm sido publicadas nos jornais, sem estranhar que os desastres não tenham ocorrido com mais frequência ainda. Combos trafegando a toda velocidade na contra-mão, realização de manobras nas horas em que o tráfego é mais intenso, exigindo uma dupla atenção dos cabeleiros, etc. Além disso o sistema de sinalização é antiquado e manejado por um número de homens insuficiente e mal alimentado — porque mal pago. É do «Correio da Manhã» a seguinte denúncia: «Em uma dessas cabines — cabina mecânica e, portanto, antiquada — fomos encontrar um homem mal alimentado, em doloroso estado de decadência, trabalhando 8 horas por dia. E comendo, numa lata, a mais miserável das refeições.

No fim da carreira e com vencimentos de apenas Cr\$. 6.800,00 não poderia obter melhor alimentação».

Noutro jornal, lemos o seguinte: «A política adminis-

trativa de compressão de despesas com o pessoal resulta na diminuição do número de empregados, que foram reduzidos. Na cabina 1, em Francisco Sá, trabalhavam o cabeleiro e seu ajudante. Agora, trabalha apenas o cabeleiro, sozinho para atender a 4 telefones, ao seletivo, às chaves de manobras para a estação e para Alfredo Maia, uma infinidade de tarefas delicadas em curto tempo, semelhante às dos postos de controle nas torres dos aeroportos». E ainda: «A fim de não pagar o salário devido a homens especializados e que têm a vida de milhares de passageiros em suas mãos, dirigindo todo o tráfego de trens, a Central admite trabalhadores que fazem uma

verno compete usar para bem estar do povo.

## A «VIA CRUCIS» DA POPULAÇÃO SUBURBANA

Com os últimos desastres, a Central vai assumindo o aspecto de açougue de carne humana. Instrumento de suplicio, porém, ela o é já há muito tempo.

Somente quem nunca viajou num trem da Central ignora o que seja o tormento de aguardar uma dessas condições numa estação, principalmente em D. Pedro II, nela conseguir entrar e viajar. Ante a miserabilidade dos serviços que a Estrada oferece a pacífica, a ordeira, a afável população carioca

prova de agente de estação, com referências salariais de trabalhadores e responsabilidades imensas».

## OUTROS DESASTRES PODEM OCORRER

Visitando o novo Diretor da Central, um grupo de maquinistas alertou-o para o fato de que outros desastres ocorrerão caso as condições de trabalho na ferrovia persistirem. Os maquinistas, percebendo salários irrisórios, são obrigados a trabalhar, em alguns casos, até mais de 15 horas sem interrupção. Exaustos, esses trabalhadores dormem no comando dos trens e ultrapassam os sinais. Esses têm sido um dos motivos dos desastres.

Despreparo técnico, remuneração injusta, condições de trabalho inadequadas, métodos falhos e obsoletos, equipamento precário e mal conservado. Eis, resumidamente, as razões das repetidas catástrofes que têm mergulhado no luto, no desespero e na desdita centenas de lares da população carioca.

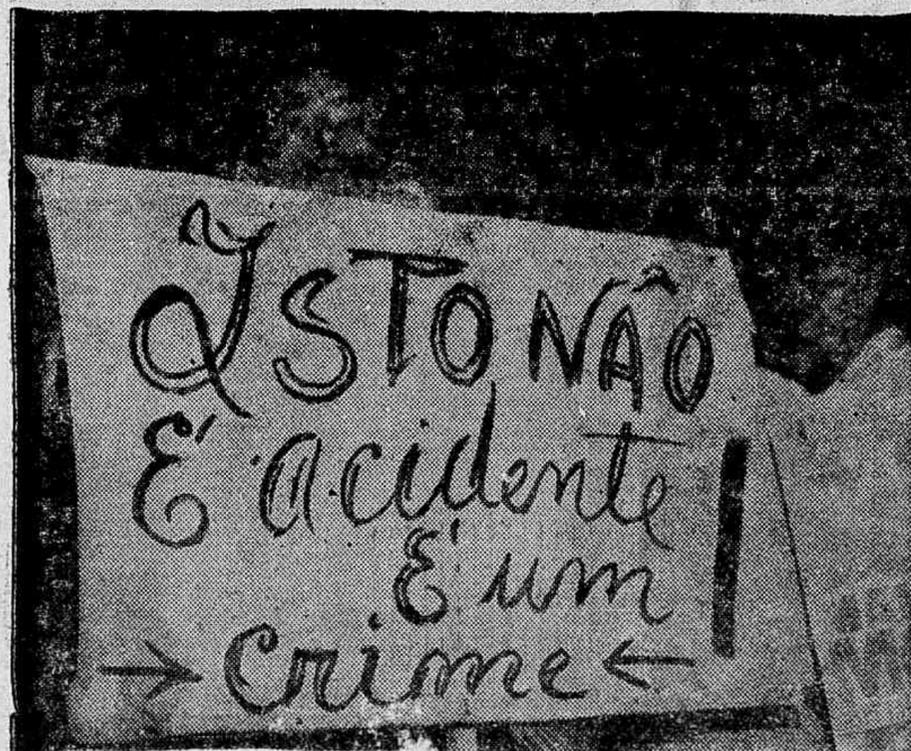
Quando os desastres são casos isolados, a responsabilidade pode ser de um ou outro funcionário, diretamente implicado no mesmo. Se se repetem, significa que a administração não toma medidas para sanar as deficiências que os originam, sejam elas de homens ou de material, e passa então a ser a maior responsável. Mas, quando, os desastres se tornam acontecimentos rotineiros e assumem proporções catastróficas, como é o caso da Central, não há como isentar de culpa o governo do país que, seria o mais responsável mesmo que a ferrovia não fosse do Estado, pois, aos go-

transfigura-se e, na ânsia de conseguir um lugar no transporte, atropela-se como não se atropela o gado em debandada. Não são, por isso, raros os acidentes em que passageiros perdem a vida.

Os trens trafegam sempre superlotados. Nas horas do «rush» apesar dos disticos colocados pela administração, dizendo que no interior dos trens sempre há lugar para mais... é grande o número dos que expõem perigosamente a sua vida viajando como pingentes.

Mas não é só na hora do «rush» que os trens da Central trafegam superlotados. A medida que a afluência de passageiros diminui, o número das composições também vai sendo reduzido, de modo a que nunca deixe de ser preenchido o «lugar para mais um», segundo a direção da Estrada, sempre existe nos trens. Aliás, o mesmo acontece com as bilheterias. Há um grande número delas na estação de D. Pedro, mas só funcionam se diante de cada uma houver uma enorme fila. Amontoados no interior dos combos, não raro, os passageiros se vêem submetidos a tortura de longas paradas — até de horas, — em meio do trajeto, às vezes sob um sol que transforma os vagões — os quais permanecem com as portas fechadas, — em verdadeiros fornos, conhecida como é a inclemência do clima no Rio.

Apesar do perigo que representa viajar nos trens da Central, a população dos subúrbios não pode prescindir deles. São a condução mais ao alcance da bolsa dos trabalhadores. Pelos trens da Central (CONCLUI NA 4ª PÁG.)



Um dos cartazes com que trabalhadores exigem o seu protesto, em frente à Câmara Federal, contra o crime da Central